

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

AILTON SALVADORI

**CATAR E A COPA DO MUNDO DE 2022:
O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER**

**FRANCA
2023**

AILTON SALVADORI

Catar e a Copa do Mundo de 2022
o futebol como instrumento de soft power

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, junto ao Conselho de Curso de Bacharelado em Relações Internacionais, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Franca.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Passini Mariano

FRANCA
2023

S182c

Salvadori, Ailton

Catar e a Copa do Mundo de 2023 : o futebol como instrumento de soft power / Ailton Salvadori. -- Franca, 2023

47 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientador: Marcelo Passini Mariano

1. Futebol. 2. Soft Power. 3. Sportwashing. 4. Relações de Poder. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AILTON SALVADORI

Catar e a Copa do Mundo de 2022
o futebol como instrumento de soft power

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, junto ao Conselho de Curso de Bacharelado em Relações Internacionais, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Franca.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Passini Mariano

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Passini Mariano
UNESP - Câmpus de Franca
Orientador

Prof. Dr. Samuel Alves Soares
UNESP - Câmpus de Franca

Prof. Me. Laurindo Paulo R. Tchinhamã
UFU - Câmpus de Uberlândia

FRANCA
2023

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir chegar até aqui e pela oportunidade de cumprir mais essa etapa da minha vida. Agradeço a Ele por me conduzir no bom caminho, por me guardar e abençoar durante todo esse tempo, por me dar forças e conforto nos momentos difíceis e também por me proporcionar tranquilidade e momentos de tanta alegria nestes anos.

Aos meus pais, Charles e Mônica por sempre me apoiarem durante a minha graduação, me dando toda ajuda e suporte que eu precisei aqui em Franca, tanto de coisas materiais quanto de amor e carinho, mesmo longe de casa. Agradeço por me estimularem a estudar o que eu gosto e a vir pra essa faculdade sem medo; é graças a vocês que tenho e sempre tive certeza que nunca estarei perdido e desamparado. E se hoje escrevi um trabalho inteiro sobre futebol, é por que foi em casa que aprendi a me apaixonar pelo jogo, começando pelo Grêmio com o pai. Devo a vocês todas as conquistas que já tive e que terei na minha vida, por isso sou eternamente grato.

Ao meu irmão Vitor que sempre esteve comigo e que nestes anos da minha graduação se tornou cada vez mais meu grande amigo. Sei que você também está lutando e estudando muito pelo seu sonho nestes anos, então espero que eu possa servir de inspiração e apoio para ti assim como você o fez para mim.

Aos meus colegas Natalia Yoshida, Giovanna Terra e Vitor Hungaro; verdadeiros amigos que fiz aqui e vou levar para a vida. Juntos compartilhamos essa graduação passando por tudo de bom e ruim juntos. Com a companhia de vocês cresci muito como pessoa e tive meus melhores momentos aqui; por isso espero e desejo que continuemos juntos nos nossos próximos passos independente do sonho que cada um de nós seguir.

Ao professor Marcelo Mariano, meu orientador, que acreditou no meu projeto desde o início mesmo sem saber muito sobre o tema que quis abordar. O professor me estimulou a desenvolver uma autonomia e capacidade de escrever e fazer uma pesquisa deste tipo que eu até duvidava que tinha no início do trabalho e por isso sou muito grato.

RESUMO

O presente trabalho faz um estudo de caso sobre como o Catar utilizou o futebol, e sobretudo a Copa do Mundo FIFA de 2022, como instrumento de *soft power* em seu projeto de abertura e projeção internacional. Esta pesquisa demonstra que o Estado catari recebeu a última edição deste torneio e realizou diversos outros investimentos no futebol a fim de exercer o *soft power* gerado por este recurso como forma de diplomacia pública, para atrair parcerias políticas e econômicas com demais Estados e, de maneira geral, para projetar uma imagem positiva do país frente à comunidade internacional. Partindo desta premissa, este trabalho investiga por que o Catar escolheu especificamente o futebol para tal fim e como isto permitiu ao país exercer *soft power* no sistema internacional. A base teórica para tal pesquisa é o trabalho de Joseph Nye Jr. a respeito da sua concepção de poder e sobre *soft power*, conceito desenvolvido pelo autor. A pesquisa também investiga a relação entre o futebol e o *soft power*, analisando casos históricos em que tal esporte foi utilizado como instrumento para exercer este tipo de poder. Também é feita uma análise sobre a política de abertura internacional que o Estado catari empregou a partir da metade da década de 1990, compreendendo seu contexto histórico, seu desenvolvimento e como o futebol foi utilizado neste projeto, revelando também as limitações e contradições deste processo. A pesquisa conclui que o futebol foi usado pelo Catar como instrumento de *soft power* por conta de seu grande potencial de atração cultural e econômica desenvolvido ao longo de sua história. Este uso do esporte como *soft power* permitiu ao Estado catari alcançar objetivos de sua política externa e projetar a imagem do país internacionalmente, mas também evidenciou à comunidade internacional uma série de problemáticas e contradições internas do país, o que também danificou a imagem projetada do Catar, produzindo *soft disempowerment*. Esta descoberta revela um desafio para as estratégias de *soft power* no contexto contemporâneo, ponto de vista que pode servir de base para o estudo de outros casos deste tipo.

Palavras-chave: Catar, *Soft Power*, Futebol, Copa do Mundo, *Soft Disempowerment*.

ABSTRACT

The following essay performs a case study about how Qatar used football, and especially the 2022 FIFA World Cup, as an instrument of soft power in its project of international opening and projection. This research demonstrates that the qatari State hosted the latter edition of this tournament and made several other investments in football in order to exert the soft power produced by this resource as a form of public diplomacy, to attract political and economical partnerships with other States and, in general, to project a positive image of the country before the international community. Up from this premise, this essay investigates why Qatar chose football specifically for such purpose and how it allowed the country to exert soft power in the international system. The theoretical framework for such research is the work of Joseph Nye Jr. about his conception of power and about soft power, a concept developed by the author. The research investigates as well the relation between football and soft power, analyzing historical cases in which this sport was used as an instrument to exert this kind of power. It is also made an analysis about the international opening policy that the qatari State employed from the half of the 1990s decade, comprehending its historical context, its development and how football was used in such project, revealing as well the limitations and contradictions of this process. The research concludes that football was used by Qatar as an instrument of soft power due to its great potential of cultural and economical attraction historically developed. This use of such sport as soft power allowed the qatari State to achieve goals of its foreign policy and to project the country's image internationally, yet it also evidenced to the international community a series of the country's internal problems and contradictions, which also damaged the image projected by Qatar, thus producing soft disempowerment. This finding reveals a challenge posed to the soft power strategies in the contemporary context, a point of view that can serve as a basis for the study of other cases of this kind.

Key-words: Qatar, Soft Power, Football, World Cup, Soft Disempowerment.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Referencial Teórico.....	10
2.1. Joseph Nye e o conceito de Poder.....	10
2.2. <i>Hard Power</i> e <i>Soft Power</i>	13
2.3. Futebol e <i>Soft Power</i>	16
2.4. <i>Sportswashing</i> e casos históricos.....	18
3. Abertura internacional do Catar (1995-2022).....	21
3.1. Regime de Hamad Al-Thani (1995-2013).....	21
3.2. <i>Soft Power</i> e “ <i>Soft Disempowerment</i> ”.....	29
4. Copa do Mundo de 2022 no Catar.....	31
4.1. Antecedentes.....	34
4.2. Continuidade do projeto.....	36
5. Conclusão.....	38
Referências Bibliográficas.....	43

1. Introdução

Entre novembro e dezembro de 2022 foi disputada no Catar a vigésima segunda edição da Copa do Mundo FIFA, o mais importante torneio de futebol e talvez do esporte em geral junto aos Jogos Olímpicos. A partida final desta edição, entre as seleções nacionais da Argentina e da França, teve uma audiência próxima de 1,5 bilhão de pessoas ao redor do mundo, segundo a FIFA (ESPN, 2023). A emocionante decisão terminou com a vitória argentina comandada por Lionel Messi, considerado o melhor atleta deste século e um dos maiores jogadores da história do futebol, que então conquistara sua primeira e única Copa do Mundo. Por conta deste contexto, jornalistas e fãs do futebol consideram esta edição como uma das mais importantes e memoráveis da história do torneio.

Apesar do sucesso no âmbito esportivo, esta edição da Copa do Mundo foi envolvida em diversas controvérsias e até escândalos envolvendo seu país sede. O Catar foi escolhido pela FIFA como sede da Copa do Mundo de 2022 no ano de 2010 e desde então tal decisão foi envolvida em questionamentos em controvérsias. Pelo lado esportivo, o Catar até então não possuía tradição nenhuma no futebol e não contava com infraestrutura adequada para receber partidas de grande importância e visibilidade. Já pelo lado político, autoridades e dirigentes da FIFA foram envolvidos em denúncias e investigações de corrupção no processo de eleição do Catar como sede da Copa do Mundo (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2018). Além disso, desde o anúncio do Catar como sede até a realização do evento, o que levou doze anos, diversos jornalistas, atletas, entidades e autoridades políticas criticaram o governo catari, acusando-o de violações de direitos humanos e práticas autoritárias. Algumas equipes inclusive chegaram a protestar durante partidas do torneio contra a perseguição a pessoas do grupo LGBTQ+ no país (SCRIBNER, 2022).

Apesar de todas estas polêmicas, é fato que a partir da década de 2010 o Catar tem realizado grandes investimentos no futebol, não apenas em seu território, mas também em outros países. Por meio de empresas, fundações e fundos de investimento ligados ao governo, o Catar tem construído parcerias para construir infraestrutura e promover a cultura do futebol dentro de seu país. Aliado a isso, o Catar também investe em clubes de futebol estrangeiros. Por exemplo, a Qatar Airways, uma das maiores empresas do país, já teve seu nome estampado nas camisas de grandes clubes como o Barcelona e o Bayern de Munique. A maior investida do Catar no futebol estrangeiro foi a aquisição do clube Paris Saint Germain (PSG) por parte do Qatar Sports Investments (QSI), um dos principais fundos de investimentos do governo catari (CORUZZI, 2013). Desde a aquisição em 2011, o PSG se

tornou uma das equipes mais ricas e estreladas do mundo, assim como uma marca mundial que projetava a imagem do Catar por meio do futebol. Sediar a Copa do Mundo, construindo uma ampla infraestrutura para receber o evento, foi o ápice deste projeto do Catar envolvendo o futebol.

Esta investida no futebol por parte do Estado catari é uma das principais faces de um projeto de abertura política, econômica e cultural do Catar que foi iniciado nos meados da década de 1990, durante o regime do emir Hamad Al-Thani (SANROMÀ, 2015). Este projeto visava aumentar a influência do Catar no cenário internacional e tornar o país uma autoridade e liderança no Oriente Médio. Uma das estratégias empregadas pelo regime catari neste projeto é a produção e exercício de *Soft Power* e diplomacia pública para projetar internacionalmente uma imagem positiva do país e buscar alinhamentos com outros países. Dentro de tal projeto, o futebol é utilizado como uma das principais ferramentas para tal exercício de *soft power*.

No entanto, é questionável o porquê especificamente o futebol foi escolhido como meio de exercício de *soft power* pelo Estado catari, sendo que o país não possuía tradição relacionada a tal esporte no âmbito internacional e nem sequer em sua cultura interna. Este paradigma leva a supor que o futebol possui algum diferencial relacionado ao *soft power* que justifique sua instrumentalização para tal fim, mesmo que isto exija de um Estado investimentos massivos e até mesmo uma mudança cultural.

Tendo em vista este contexto apresentado, este trabalho visa compreender por que o Catar escolheu o futebol para exercer este *soft power* em seu projeto de abertura e projeção internacional. A hipótese trabalhada é que esta escolha do Catar pelo futebol para seu projeto se dá pois este esporte e seu maior evento, a Copa do Mundo, possuem um enorme prestígio cultural em grande parte das sociedades atuais e também atraem enormes quantidades de investimentos e de exposição midiática. Tal processo é também uma tentativa de reproduzir uma imagem positiva do país frente ao mundo, como já citado, associando-se à modernidade e ao progresso econômico, assim como mascarando críticas que o governo catari recebe de diversos atores internacionais referentes à sua política interna, por meio da presença no futebol e da realização da Copa do Mundo, prática conhecida como *sportswashing*.

Para responder a esta questão posta, é fundamental entendermos como transcorreu este processo de instrumentalização do futebol para o exercício de *soft power* por parte do Catar. Da mesma forma, compreendendo como este processo pôde possibilitar ao Catar a produção e exercício de *soft power*. Para chegar a tais respostas, esta pesquisa segue algumas bases de análise. A primeira é definir e compreender os conceitos de *soft power* e

sportswashing, entendendo sua importância para projeção política, econômica e cultural de um país frente à comunidade internacional. A segunda é investigar como e por que o futebol e a Copa do mundo são utilizados como instrumento de *soft power* e de *sportswashing* por diferentes Estados e atores, buscando exemplos históricos em que isso ocorreu. Por fim, é também crucial para a pesquisa entender o projeto do Catar de abertura e projeção internacional iniciado na década de 1990, do qual faz parte o uso do futebol e da Copa do Mundo para exercer *soft power*.

2. Referencial Teórico

Após a introdução geral da pesquisa e das etapas que serão desenvolvidas deste ponto em diante, é fundamental a apresentação e discussão dos conceitos teóricos que fundamentam este trabalho. O principal eixo teórico desta pesquisa é compreender o conceito de *soft power* e suas implicações nas relações internacionais, podendo assim apontar como este conhecimento teórico explica o processo de internacionalização do Catar por meio do futebol.

A principal referência para esta parte teórica da pesquisa, focada no *soft power*, é o autor estadunidense Joseph Nye, pioneiro na elaboração e estudo deste conceito no campo das relações internacionais. Portanto, também é importante para este trabalho uma breve apresentação sobre o autor e sua obra para melhor compreensão de seu ponto de vista teórico. Soma-se a esta contextualização uma apresentação geral do conceito de poder segundo o próprio autor e uma breve exposição de conceitos da teoria neoliberal, paradigma teórico das relações internacionais com o qual este autor se identifica.

2.1. Joseph Nye e o conceito de Poder

Joseph S. Nye Jr. é um dos grandes teóricos das relações internacionais, com trabalhos e obras de destaque e grande relevância para a área. Nye foi um dos pioneiros das teorias Neoliberal e da Interdependência Complexa nas relações internacionais, junto a Robert Keohane, se consolidando como um dos grandes expoentes do campo das relações internacionais no século XX. O autor despendeu grande parte de sua bibliografia para tratar sobre o conceito de poder e o seu exercício nas relações internacionais, em especial sob a ótica dos Estados Unidos (EUA), visto que o autor chegou a ocupar o cargo de secretário assistente de Defesa para Assuntos de Segurança Internacional do governo estadunidense.

Em seus estudos sobre o conceito de poder e as relações de poder no sistema internacional, Nye também adotou diversos pressupostos do Neoliberalismo das relações internacionais, sendo ele um de seus principais autores. Portanto, esta pesquisa seguirá adotando o ponto de vista da teoria neoliberal para analisar o *soft power* e seus demais objetos de estudo. Primeiramente, é importante ressaltar que o neoliberalismo nas relações internacionais não possui o mesmo significado e pressupostos que o neoliberalismo no campo econômico. Estas duas teorias, apesar de compartilharem o mesmo nome, dizem respeito a diferentes conceitos em diferentes áreas de estudo. A teoria neoliberal das relações internacionais teve origem na década de 1970, consolidando-se na década seguinte, dando continuidade a diversos pressupostos teóricos do liberalismo clássico das relações internacionais, mas abordando questões pertinentes ao contexto internacional pós-Segunda Guerra Mundial, inserido na Guerra Fria.

A teoria neoliberal se apresentou como uma oposição ao Realismo e Neorealismo, principalmente no tocante à primazia do Estado nas relações dentro do sistema internacional. O neoliberalismo reconhece a importância do Estado como um ator racional, mas não o coloca como o ator central e unitário das relações internacionais, reconhecendo também a grande importância da atuação de instituições internacionais, empresas privadas e demais agentes não estatais na dinâmica das relações internacionais. Dentro desta concepção teórica, Nye e Keohane também colocaram que no contexto de fortalecimento da globalização no mundo pós-Segunda Guerra Mundial, as questões militares e de segurança, foco central do realismo, estavam perdendo importância frente às relações econômicas, políticas, sociais e demais dinâmicas entre os Estados e outros atores internacionais, o que viria a ser expandido em sua teoria da Interdependência Complexa (GOMICHO, 2013).

Tendo em vista este plano de fundo teórico no qual Nye está inserido, pode-se então compreender em mais profundidade como o autor constrói seu conceito de poder. Em sua obra *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (2004), Nye faz uma explicação abrangente do conceito de *soft power* e suas aplicações na política internacional. Imerso no contexto do avanço da multipolaridade pós Guerra Fria, do atentado de 11 de setembro de 2001 e da ocupação do Iraque pelos EUA, o autor foca grande parte da obra na perspectiva estadunidense para aplicação do *soft power*, comparando-a com demais Estados e identificando um declínio do poder dos EUA no Sistema Internacional, continuando tal temática já abordada em sua obra anterior, *O Paradoxo do Poder Americano* (2002).

Antes do aprofundamento sobre o *soft power*, é essencial compreender o conceito de poder em si. Nesta pesquisa, será estudado este conceito segundo o próprio autor Nye, tendo

em vista que o autor aborda o *soft power* baseado em seu conceito anteriormente estabelecido de poder. Portanto, este trabalho seguirá esta mesma linha teórica. Em *The Future of Power* (2011), Nye reconhece a dificuldade de definir o que é poder, sendo este um conceito complexo de ser quantificado e sobre o qual não há consenso. Tendo como perspectiva o poder dentro de um contexto político, o autor se prende a uma definição mais literal de poder, resgatada de um dicionário, colocando-o como “a capacidade de fazer coisas e em situações sociais para afetar outros a fim de obter os resultados desejados” (NYE, 2011, p. 4-5).¹ Com esta definição como ponto de partida, Nye (2011) ressalta que esta concepção de poder não pode ser confundida com a mera influência e que para compreender propriamente as relações de poder neste contexto político é importante levar em conta a situação específica e identificar “*quem consegue o que, como, onde e quando*” (NYE, 2011, p. 6).²

Já no primeiro capítulo da obra de 2004, Nye retoma este conceito de poder focado no aspecto político e coloca de forma mais sucinta, como sendo “a habilidade de influenciar o comportamento de outros para obter os resultados que deseja” (NYE, 2004, p. 2).³ Interpretando esta definição no nível das relações interestatais, entendemos que os Estados buscam a todo momento influenciar o comportamento dos demais na política internacional de acordo com seus interesses e objetivos próprios, sendo estes relativos à esfera internacional ou atendendo a necessidades internas, desta forma exercendo seu poder.

Outra questão central que Nye propõe na mesma obra diz respeito às formas como este poder é exercido. Segundo a interpretação do autor, o comportamento de um estado pode ser influenciado por meio de ameaças, empregando força militar; incentivos e compensações econômicas, ou por meio de atração e cooptação (NYE, 2004). As duas primeiras seriam formas mais tradicionais de exercício do poder, sendo historicamente empregadas pelos Estados. Já a terceira forma é considerada por Nye como mais recente, pelo menos maior grau, tendo seu emprego efetivamente verificado de forma institucionalizada a partir do século XX. Observando as diferenças nestas formas de exercer poder, o autor as categorizou em duas diferentes naturezas de poder: *Hard Power* e *Soft Power* (NYE, 2004), que seriam, respectivamente, o poder “duro” e o poder “suave” ou “brando”, em tradução livre.

¹ [...] the capacity to do things and in social situations to affect others to get the outcomes we want.

² [...] *who gets what, how, where and when.*

³ [...] power is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes one wants.

2.2. *Hard Power e Soft Power*

O *hard power* consiste no emprego da coerção e indução por meio da força militar e/ou do potencial econômico. Pela vertente militar, um Estado pode usar seu poderio para ameaçar e coagir demais Estados a realizarem sua vontade. Também há possibilidade de emprego efetivo da força, com invasões e intervenções que podem levar a anexações de territórios ou a guerras e conflitos de grande escala (MARTINELLI, 2016). Pelo aspecto econômico, Estados utilizam sua superioridade econômica para fazerem incentivos, compensações financeiras e outros tipos de articulações econômicas junto àqueles dos quais desejam determinados resultados (MARTINELLI, 2016). Sendo assim, o exercício *hard power* consiste numa dicotomia entre estímulos e ameaças, dinâmica que Nye (2004) chama de “*carrots*” e “*sticks*” (cenouras e porretes, em tradução livre). O *hard power* é também a forma mais tradicional de exercício de poder, sendo o meio historicamente empregado nas disputas entre Estados no Sistema Internacional.

Como o *hard power* depende de forma majoritária de recursos de poder como os meios militares e/ou econômicos e até os recursos naturais do Estado para que este consiga se sobrepor a outro, o *hard power* é interpretado como uma maneira mais concreta de se visualizar e mensurar o poder (NYE, 2004) no estudo das dinâmicas de poder entre Estados. Neste sentido, o *hard power* também configura-se como um meio que privilegia aqueles Estados com maior capacidade e desenvolvimento econômico e militar, em detrimento de países deficitários nestes campos. A nível global, o *hard power* tornou-se a principal ferramenta de dominação dos países desenvolvidos, principalmente a Europa ocidental e os EUA, sobre os países emergentes e subdesenvolvidos, que conseguem exercer *hard power* no máximo a um nível regional.

Quanto ao *soft power*, Nye (2004) o define como a capacidade de moldar o comportamento de demais Estados para atingir seus objetivos por meio da atração, não por meio de coerção. Esta atração que um país gera para si vem principalmente por meio de sua cultura e valores, por meio de ideais políticos ou pela sua atuação no cenário internacional. Estes elementos podem legitimar um país aos olhos dos demais e, além disso, fazendo com que estes países emulem o comportamento do país atrativo, que então está produzindo e exercendo seu *soft power*. Em *The Future of Power* (2011), Nye aborda uma espécie de relação de poder ligada ao *soft power*, que é o poder relacional ou cooptativo. Esta maneira de exercer poder, especificamente o *soft power*, é caracterizada pela capacidade de mudar o comportamento e preferências de demais agentes, fazendo-os seguir sua vontade sem a

necessidade de ordená-los a isso, ou seja, sem precisar exercer *hard power* (NYE, 2011). Portanto, ressalta-se como característica fundamental do *soft power* o seu alcance subjetivo, moldando o comportamento e preferências de Estados, autoridades, membros da sociedade civil e quaisquer outros atores sem o uso de coerção e até a instauração de medo, pelo contrário, atingindo este objetivo por meio da atração.

Isto posto, entende-se que os recursos de *soft power*, como já mencionado, são de natureza cultural e ideológica e produzem efeito subjetivo, enquanto os recursos de *hard power* são de natureza mais material e concreta, produzindo efeitos objetivos. Dentre os recursos que um país dispõe para a produção e exercício de *soft power*, é possível destacar os seus valores e costumes culturais projetados internacionalmente, os valores políticos que defende e sua política externa (NYE, 2004). Por conta desta natureza dos recursos de *soft power*, este meio de poder é em grande medida adotado por países emergentes e subdesenvolvidos como uma alternativa ao *hard power*, podendo assim exercer poder no sistema internacional mesmo sem dispor de amplos recursos militares e/ou econômicos. É neste sentido que Nye coloca: “quando você consegue que outros admirem seus ideais e façam o que você quer, você não precisa gastar tanto em porretes e cenouras para movê-los na sua direção” (NYE, 2004, p. x).⁴ No entanto, é essencial ressaltar que o *soft power* também é ostensivamente empregado pelos Estados mais desenvolvidos e compõe suas estratégias de dominação sobre demais países.

O exercício de *soft power* no âmbito internacional não é exclusivo dos Estados, podendo também ser empregado por outros atores internacionais não estatais, como instituições e empresas privadas. Estes atores também têm a capacidade de produzir e projetar valores no sistema internacional que geram *soft power*. Por conta disso, instituições internacionais e grandes empresas, atores que possuem grande penetração no âmbito social ao redor do mundo, são muitas vezes instrumentalizadas pelos Estados para veicular o seu *soft power*. Por exemplo, instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) são utilizadas para propagar os ideais de liberalismo e democracia pelos Estados Unidos (GOMICHOIN, 2013) e pelas demais potências ocidentais. Da mesma forma, os filmes de *Hollywood* e a indústria cultural estadunidense, de forma geral, projetam no mundo inteiro ideologias e valores culturais

⁴ When you can get others to admire your ideals and to want what you want, you do not have to spend as much on sticks and carrots to move them in your direction.

próprios do estilo de vida dos EUA, que então passam a ser seguidos e até reproduzidos em demais países; assim, sendo possivelmente o maior instrumento de *soft power* estadunidense.

Dada esta característica transnacional e social do *soft power*, configura-se a Diplomacia Pública como um dos principais artifícios de exercício deste poder por parte dos Estados. No texto *Soft Power and Public Diplomacy* (2008), Nye define a diplomacia pública como o instrumento pelo qual os Estados veiculam e empregam seus recursos de *soft power* para atrair e influenciar a população de demais países, não apenas seus governos. Este movimento é realizado, principalmente, por meio de transmissões internacionais, exportações culturais, trocas e intercâmbios subsidiados pelo Estado (NYE, 2008). Isto posto, ressalta-se que a diplomacia pública apenas é efetiva e surte o efeito desejado se os valores e ideias veiculadas são interessantes para o público visado. O autor cita como exemplo o fato de que “exportar filmes de *Hollywood* cheios de nudez e violência para países muçulmanos conservadores pode produzir repulsão em vez de *soft power*” (NYE, 2008, p. 95).⁵

Retomando os preceitos da teoria Neoliberal das relações internacionais, verifica-se que a noção de *soft power*, como posta por Nye, tem grande proximidade com este quadro teórico. Isto se revela tendo em vista que a teoria descreve um contexto internacional onde a primazia do poder militar e a centralidade do Estado cada vez mais cedem espaço a dinâmicas de poder econômicas, sociais e culturais envolvendo também atores não estatais. Neste cenário, o exercício do *soft power* aparece como uma estratégia crucial para acomodar estas novas relações no sistema internacional exploradas no neoliberalismo.

No entanto, o próprio autor coloca que não há uma contradição entre o *soft power* e a teoria Realista (NYE, 2011). Em uma análise realista das relações internacionais, o uso do *soft power* ainda se faz importante visando o interesse do Estado, mesmo que possa estar em segundo plano em relação ao *hard power*. Sobre esta dicotomia entre o *soft power* e o *hard power*, Nye (2004) reconhece a existência de uma maneira de equilibrar estas duas formas de poder em uma estratégia de política externa, combinando seus diferentes recursos e efeitos, o que ele chama de *smart power*, “poder inteligente” em tradução livre. Em *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (2004), o autor propõe que os EUA deve priorizar o emprego do *smart power* em sua política externa, tendo em vista o declínio do *hard power* do país mesmo tendo esta forma de poder como prioridade. Sendo assim, para o contexto estadunidense do início do século XXI, Nye (2004) reconhece a importância de valorizar e aumentar o uso do *soft power* na política externa dos EUA, combinando-o com o já presente

⁵ Exporting Hollywood films full of nudity and violence to conservative Muslim countries may produce repulsion rather than soft power.

hard power para então exercer o chamado *smart power*. Mais a frente nesta pesquisa será verificado como a combinação de *soft power* e *hard power* também foi utilizada pelo Catar, mesmo que em menor escala comparado ao que Nye propôs para os Estados Unidos.

2.3. Futebol e *Soft Power*

Tendo em vista esta caracterização do conceito de *soft power* e suas aplicações e implicações no estudo das relações internacionais, o próximo passo desta pesquisa é investigar como e por que o futebol foi e ainda é instrumentalizado como uma ferramenta de exercício de *soft power* por diversos Estados.

Primeiramente, é essencial compreender que tal processo se dá pela tamanha relevância e presença do futebol a nível mundial. Desde o final do século XIX, este esporte, criado na Inglaterra, foi alcançando demais países e continentes, tornando-se já nas primeiras décadas do século XX o esporte mais relevante e consumido do mundo, sobretudo na Europa e na América Latina. Desde sua origem, o futebol assumiu um caráter social único ao se configurar como um esporte praticado e apreciado por todas as classes sociais. Na sua origem, ainda na Inglaterra, era praticado tanto por operários quanto pela classe alta, que então formavam suas próprias associações e disputavam partidas entre si. Esta característica do futebol continuou presente após sua internacionalização, consolidando o esporte como um microcosmo das relações e tensões sociais do país (AMAZARRAY, 2011).

A nível global, o futebol formou uma cultura própria que, de certa forma, une seus praticantes e admiradores para além das fronteiras de seus países. Neste sentido, Carosella (2022, p. 31) coloca que “o futebol possui valores universalmente entendidos, e uma cultura compartilhada que ajuda a fomentar unidade. O futebol também proporciona oportunidades econômicas lucrativas [...]”.⁶ A partir da segunda parte desta afirmação, mostra-se necessário explorar outro ponto importante para o uso do futebol pelos Estados como ferramenta de *soft power*, que é seu aspecto econômico.

A partir do final do século passado, o potencial mercadológico do futebol foi cada vez mais desenvolvido e explorado. Com o avanço tecnológico e maior popularização dos meios de comunicação, as transmissões internacionais de partidas de futebol se tornaram cada vez mais frequentes e acessíveis, chegando inclusive aos canais de televisão abertos; especialmente de campeonatos europeus para o resto do mundo. Isto significou que o público

⁶ [...] football has universally understood values, and a shared culture which helps foster unity. Football also provides lucrative economic opportunities [...].

do futebol também passaria a conhecer e apreciar cada vez mais clubes e jogadores de demais países, não apenas os de seu próprio local. Como consequência deste processo, patrocínios e contratos com atletas tiveram seus valores cada vez mais elevados, acordos com conglomerados de mídia e telecomunicações se tornaram fundamentais para a construção e financiamento de campeonatos; e clubes e jogadores de ponta se tornaram marcas internacionalmente consumidas, levando ao aumento considerável da produção de produtos licenciados e ações de marketing ligadas a equipes e atletas. Desta forma, o futebol passou a gerar uma circulação de dinheiro gigante, tornando-se um mercado mundial bilionário, o que atraiu a atenção de diversos setores interessados neste potencial. Sendo assim,

“O futebol é o esporte que mais gera dinheiro e é mais acessível no mundo. Dado seu apelo internacional, o futebol tem a habilidade única de mesclar mercados massivos com apelo popular, ao mesmo tempo em que chama a atenção de políticos, investidores e fãs” (TRILLAS, 2018 apud CAROSELLA, 2022, p. 7).⁷

Levando em conta a força destes dois aspectos discutidos sobre futebol, sua força sociocultural e econômica, nota-se a importância de seu maior evento, a Copa do Mundo. Organizada pela FIFA (Federação Internacional de Futebol), órgão de governança e regulação do futebol mundial fundado em 1904, o torneio reúne seleções nacionais de todos os continentes e acontece a cada quatro anos, tendo sede em país escolhido pela entidade ao longo de um mês. A primeira edição da Copa do Mundo ocorreu em 1930 no Uruguai, país que se consagrou campeão do torneio, e desde então a Copa se consolidou como a principal competição do futebol. Pelo lado esportivo, fãs e atletas consideram a Copa do Mundo a conquista mais importante e cobiçada do esporte. Já pelo lado político e econômico, sediar um evento desta magnitude significa para o país organizador receber um fluxo econômico e atenção midiática massivos, assim como representa “uma plataforma perfeita para mostrar a cultura e imagem do país-sede para o resto do mundo, tendo a possibilidade de aumentar seu prestígio e capacidade de atração internacional” (PIZARRO, 2017, p. 4).

Sendo assim, compreende-se por que diversos países lutam e investem de forma intensa para sediar a Copa do Mundo. O processo de escolha do país-sede se dá por meio de uma eleição no âmbito da FIFA. Os países interessados em sediar o evento submetem sua candidatura que então é analisada pelo Conselho da FIFA, órgão decisório da entidade; as candidaturas aprovadas são então levadas à eleição no Congresso da FIFA, seu órgão legislativo (CNN, 2022), onde cada federação nacional representada tem direito a um voto.

⁷ Football generates the most money, and is the most accessible sport worldwide. Given its international appeal, football has the unique ability to mix massive markets with fan popularity, while simultaneously gathering the attention of politicians, investors and fans.

Atualmente, a FIFA possui 211 federações afiliadas (FIFA, 2023), um número de países superior aos membros da Organização das Nações Unidas (ONU). Esta abrangência de afiliados, as diversas conexões e articulações com Estados e outros atores internacionais, além da agenda própria da entidade, que visa a promoção dos direitos humanos e o combate ao preconceito; posicionam a FIFA como uma instituição importante no âmbito da governança global e capaz de exercer *soft power* (PIZARRO, 2017). No entanto, o compromisso da entidade com sua agenda, suas articulações políticas e o próprio processo de eleição para a sede da Copa do Mundo são alvos de diversos questionamentos e até denúncias, tópico que será abordado com mais profundidade mais adiante nesta pesquisa.

2.4. *Sportswashing* e casos históricos

Tendo analisado estas características fundamentais do futebol e da Copa do Mundo na esfera política - sua relevância sociocultural, midiática e econômica - compreende-se melhor o porquê de Estados investirem neste esporte e em seu maior evento como capital político. O sucesso esportivo e na realização de um grande evento, como é a Copa do Mundo, atrelados a um Estado, governo ou até a um líder político conferem a estes atores uma maior aceitação popular junto a uma imagem mais positiva, tanto internamente quanto a nível internacional.

Desta forma, podemos inferir que

“O esporte e a mídia permitem que uma representação forjada de um Estado/governante venha à tona, apresentando uma faceta eficiente e aceitável/palatável para o mundo ao ponto em que quaisquer males cometidos por este Estado/governante aparentam ser esquecidos. Esta técnica de melhorar a imagem ao sediar ou patrocinar eventos esportivos é agora comumente apelidada de ‘*sportswashing*’” (RUSHWORTH, 2022).⁸

Neste sentido, podemos interpretar o *sportswashing* como uma forma de exercício de *soft power*, ao implicar a mobilização de recursos culturais e midiáticos para gerar atração a um determinado Estado. Portanto, para efeitos didáticos desta pesquisa, entende-se o *sportswashing* como o sendo o método pelo qual o futebol e a Copa do Mundo são instrumentalizados por Estados para exercer *soft power* a nível internacional. Ainda neste âmbito, o *sportswashing* também pode ser interpretado como uma forma de Diplomacia

⁸ Sport and media allow a tailored representation of a state/ruler to come to the fore, presenting an efficient and acceptable/palatable face to the world to the extent that any ills committed by the state/ruler get seemingly overlooked. This technique of improving an image through hosting or sponsoring sports events is now commonly dubbed ‘*sportswashing*’.

Pública. Isto se dá pois nesta estratégia se configura o patrocínio estatal de agentes privados, como federações, organizações de eventos, clubes e até atletas; promovendo intercâmbios culturais e se aproveitando da significativa movimentação midiática que este universo promove para gerar atração do público internacional.

O termo *sportswashing* para descrever este processo de limpar a imagem de um Estado ou governante por meio da associação com o esporte é relativamente recente (CAROSELLA, 2022), mas tal prática já é verificada há quase um século, especialmente por meio da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos. A seguir, analisaremos exemplos deste fenômeno a partir da década de 1930, principalmente no âmbito das seleções nacionais e da Copa do Mundo, antes de analisar a fundo e especificamente o caso do Catar.

A prática do *sportswashing*, mais especificamente do uso do futebol para exercer *soft power*, pode ser verificada já durante os regimes nazi-fascistas da Europa da década de 1930, chegando ao seu auge, neste momento, quando a Itália de Mussolini sediou a Copa do Mundo de 1934, segunda edição do torneio (RUSHWORTH, 2022). Sabendo do apelo popular que o futebol tinha na Itália e na Europa, em geral, e, conseqüentemente, ciente de como o esporte poderia servir a sua agenda política e ideológica, Mussolini instrumentalizou o futebol no país e interviu em clubes nacionais para moldá-los à sua ideologia nacionalista. Por exemplo, o governante “mudou o nome de times que remetiam à língua inglesa, como *AC Milan*, que se torna *Milano*, e *Internazionale*, que passa a ser chamado de *Ambrosiana*” (AMAZARRAY, 2011, p. 28). Ao sediar a Copa do Mundo de 1934, Mussolini visava projetar a força da ideologia fascista tanto no campo esportivo quanto na organização e infraestrutura empregadas para receber o evento. O líder considerava que “a vitória da Itália era uma vitória do fascismo contra outras ideologias” (AMAZARRAY, 2011, p. 27). De fato, a seleção italiana se sagrou campeã do torneio sediado no próprio país e repetiu a conquista na edição seguinte, que ocorreu em 1938 na França; sucesso este que foi amplamente instrumentalizado pelo regime fascista para moldar a opinião pública (RUSHWORTH, 2022).

Ainda na década de 1930, a Alemanha também empregou o que é hoje conhecido como *sportswashing*. Os maiores esforços do regime nazista nesse sentido foram direcionados para os Jogos Olímpicos de 1936, sediados em Berlim; no entanto, o futebol também teve seu papel na agenda ideológica de Hitler. Durante os anos 1930, a seleção alemã jogou diversas partidas amistosas contra outras seleções, destacadamente contra países europeus com os quais a Alemanha estaria próxima a entrar em guerra. Estes jogos, principalmente os que ocorriam em Berlim, serviam para produzir uma imagem positiva da Alemanha e de Hitler frente aos demais países europeus, como uma espécie de intercâmbio

cultural, ressaltando a receptividade dos alemães e a suposta ordem trazida ao país pelo regime nazista, alimentando a produção de *soft power* nazista na Europa.

Um exemplo destas partidas foi o amistoso entre Alemanha e França em Berlim em 1933, que contou com a presença de Jules Rimet, então presidente da Associação Francesa de Futebol que tornaria-se presidente da FIFA e cujo nome foi atribuído ao troféu utilizado nas primeiras edições da Copa do Mundo. Após o amistoso em Berlim, a imprensa francesa destacou a educação dos alemães e Rimet “fez promessas de corrigir as falsas impressões sobre a Alemanha nazista na França” (AMAZARRAY, 2011, p. 29).

Outra partida amistosa marcante nesta época também ocorreu em Berlim, sendo o enfrentamento entre Alemanha e Inglaterra em 1938. Neste contexto, a Inglaterra passava por um período de incertezas quanto a Alemanha nazista. O governo britânico, liderado pelo primeiro-ministro Neville Chamberlain, buscava, de certa forma, frear a ascensão do nazi-fascismo, mas sem implicar em um conflito direto com a Alemanha. Enquanto isso, a ideologia nazi-fascista encontrava aceitação em alguns setores da sociedade britânica. Esta ausência de uma posição forte da Inglaterra contra o nazismo foi refletida no mencionado amistoso entre os dois países, quando a seleção inglesa realizou a saudação nazista antes do início da partida, assim como fazia a seleção alemã. Tal momento teve grande repercussão e se tornou simbólico do *soft power* nazista.

No século XIX, a Copa do Mundo tem sido utilizada por países emergentes para fortalecer seu *soft power* no cenário internacional, assim como para alavancarem sua economia. As três edições da Copa do Mundo anteriores à de 2022 no Catar tiveram sede em países do BRICS: África do Sul em 2010, Brasil em 2014 e Rússia em 2018. De maneira geral, sediar o evento para estes países significa dar continuidade a seu projeto de maior projeção geopolítica na nova ordem mundial multipolar (GOMES e SILVA, 2021).

Para cada um destes países, sediar a Copa do Mundo possui objetivos e características específicas. Para a África do Sul, sediar o torneio era uma oportunidade de expor ao mundo um país em reconstrução após o *apartheid* promovendo a união social, além de se posicionar como uma liderança no continente africano. Com a Copa do Mundo, o Brasil capitalizou o *soft power* que já possuía sobre o futebol, construído no século XX principalmente com a figura de Pelé, para se posicionar frente ao mundo “como um país em ascensão socioeconômica [...] almejando uma posição de potência regional, com relevância na Comunidade Internacional” (GOMES e SILVA, 2021, p. 12). Já para a Rússia, sediar o torneio também foi uma forma de tentar reverter sua imagem de um país fechado e autoritário, recebendo visitantes do mundo inteiro e dando maior abertura para manifestações

políticas destes turistas (GOMES e SILVA, 2021), mesmo sob denúncias de violações de direitos humanos no país.

3. Abertura internacional do Catar (1995-2022)

Para compreender como e por que o Catar utilizou o futebol como instrumento de *soft power*, é necessário realizar uma digressão histórica analisando como o Estado catari tem aberto o país frente à comunidade internacional e projetado sua política, economia e valores culturais externamente nas últimas décadas.

O pequeno país situado na Península Arábica conquistou sua independência do Reino Unido em 1971 e desde então se consolidou como uma monarquia governada pela dinastia Al-Thani, que já estava no poder do emirado desde 1825, mais de um século antes da independência. Apesar do pequeno território e da independência recente, o Catar já despontou como uma potência econômica na região devido à exploração de petróleo e gás natural. O país foi primeiro do mundo árabe a integrar a Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP), entrando ainda em 1960; possui uma produção de cerca de 600 mil barris de petróleo por dia e possui 13% de todas as reservas de gás natural do mundo, sendo assim, dono da terceira maior reserva deste recurso no mundo (G1, 2022). Mesmo com este poderio econômico, até a década de 1990 o Catar ainda era relativamente fechado à comunidade internacional, com pouca influência inclusive no âmbito regional e até desconhecido da população em geral fora do Oriente Médio.

3.1. Regime de Hamad Al-Thani (1995-2013)

Hamad bin Khalifa Al-Thani, nascido em 1952, assumiu o poder do Catar em 1995 após arquitetar um golpe de Estado contra seu próprio pai, Khalifa bin Hamad Al-Thani, então emir do país, enquanto o mesmo estava em viagem internacional (BRITANNICA, 2023). O novo governante, então, buscava uma maneira de legitimar sua liderança frente às instabilidades que o cercavam após o golpe de Estado. É neste sentido que Hamad Al-Thani colocou em prática um processo de reformulação política do Catar, o que abrigava a abertura internacional do país:

“Em primeiro lugar, ao chegar ao poder, Hamad Al-Thani iniciou uma campanha de liberalização política feita para melhorar sua imagem aos olhos da

maioria dos cataris e da comunidade internacional, assim consolidando seu poder face à adversários de dentro da sua própria família” (SANROMÀ, 2015, p. 9).⁹

Nos primeiros anos de seu mandato, entre 1995 e 1999, Al-Thani deu os primeiros passos para uma maior abertura da política catari, instituindo eleições municipais, nas quais mulheres também poderiam votar, e uma reforma do sistema legal do país (RATHMELL e SCHULZE, 2000). Em 2003, foi aprovada a atual constituição do Estado catari por meio de um referendo aberto à população, que contou com 98% de aprovação para a constituição proposta. O documento, que entrou em vigor no ano seguinte, declara em seu Artigo I que o Catar possui um sistema político democrático (CATAR, 2004). Apesar de controvérsias quanto ao efetivo progresso destas reformas políticas no país e quanto ao tamanho da liberdade e transparência no processo político catari, principalmente pelo ponto de vista da ideia de democracia liberal, é fato que Hamad Al-Thani se diferenciou do modelo mais autocrático com o qual seus antecessores governaram o emirado.

Ao empregar esta maior abertura política do Catar, o novo emir também visava diversificar a economia do país, tendo em vista que o país se via extremamente dependente da exploração dos hidrocarbonetos na sua atividade econômica. Segundo Rathmell e Schulze (2000), nos meados da década de 1990, quando Al-Thani chega ao poder, o Catar e demais países do Golfo Pérsico passaram por um relativo declínio da economia baseada na exploração petrolífera, dada a queda internacional do preço do petróleo no período junto aos pesados investimentos na infraestrutura para extrair tais recursos. Neste sentido, o objetivo era obter por meio da internacionalização e abertura do país novas fontes de renda, atraindo investimentos estrangeiros e promovendo o turismo no país.

Além disso, Al-Thani também buscou elevar o Catar a nível de potência regional no Oriente Médio, afastando a interferência de países tradicionalmente mais poderosos da região, como a Arábia Saudita e o Irã. Alguns anos antes de Al-Thani chegar ao poder, entre 1990 e 1991, o Oriente Médio sofreu grandes instabilidades por conta da invasão do Kuwait pelo Iraque e a consequente Guerra do Golfo, na qual uma coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos interveio no conflito no Kuwait. Segundo o autor Mon Sanromà em seu texto *Qatar during the reign of Hamad Al Thani (1995-2013): from soft power to hard power* (2015), este contexto mostrou que a Arábia Saudita, então líder regional, que assumira um papel de garantir a segurança da região, falhou em seu objetivo, o que Hamad Al-Thani viu

⁹ In the first place, after coming to power, Hamad Al Thani initiated a campaign of political liberalization designed to improve his image in the eyes of the majority of Qataris and the international community, thereby consolidating his power faced with adversaries from within his very own family.

como oportunidade para elevar o Catar a esta posição de liderança e mediador de questões regionais.

Sendo o Catar um Estado sem grande capacidade militar para exercer *hard power*, mesmo a nível regional, e inserido no contexto multipolar pós-Guerra Fria, Al-Thani identificou no exercício do *soft power* a oportunidade de se posicionar no âmbito internacional e atrair parcerias. No entanto, primeiramente o Catar necessitaria produzir recursos de *soft power* que pudesse mobilizar nesta estratégia. Ao contrário de outros países que se aproveitam de aspectos culturais e sociais já historicamente estabelecidos e internacionalmente reconhecidos para transformá-los em recursos de *soft power*, o Catar, que pela sua independência recente e pouca abertura e visibilidade internacional não possuía estes elementos disponíveis, especialmente para atrair o público além do Oriente Médio; então usou seu vasto poder econômico, que poderia ter sido diretamente usado como recurso de *hard power*, para investir na produção de instituições, parcerias e infraestrutura que seriam então mobilizadas como recursos para o exercício de *soft power*. Neste sentido, vale ressaltar que o *soft power* do Catar foi, então, financiado e controlado pelo Estado, por meio de suas instituições; com poucas fontes privadas deste *soft power* (SANROMÀ, 2015). Algumas das principais empresas e instituições ligadas ao governo catari mobilizadas nesta iniciativa, algumas das quais serão abordadas mais adiante, são: Qatar Investment Authority e sua subsidiária Qatar Sports Investments (QSI), Qatar Foundation, Qatar Airways e a emissora de televisão Al Jazeera (SANROMÀ, 2015).

A estratégia de diplomacia do Catar para atrair aliados internacionais, especialmente a nível regional em um primeiro momento, tinha como bases em seu início duas vertentes: a aliança militar com os Estados Unidos e o emprego de incentivos econômicos. Em 1996, o Estado catari tornou-se sede da maior base militar dos EUA no Oriente Médio, assim dissuadindo qualquer forma de ameaça por parte de seus vizinhos e conferindo maior estabilidade ao regime de Hamad Al-Thani. O autor Antwi-Boateng (2014) argumenta que mesmo que tal poder militar se configure como um recurso de *hard power*, o seu exercício também gera *soft power* e atração, ao projetar a imagem do Catar como um país que tem a proteção e chancela de uma grande potência, como são os EUA, e que pode também, portanto, atuar como um interlocutor entre os Estados Unidos e os países árabes.

Neste sentido, a aliança militar com os norte-americanos permitiu ao Catar atuar efetivamente, inclusive com envio de tropas, em conflitos humanitários e militares na região, como o fez na Líbia no contexto da deposição do regime de Muammar Gaddafi (ANTWI-BOATENG, 2014). Esta combinação do uso do *hard power* e do *soft power*,

mobilizando recursos e atingindo objetivos nestas duas frentes, é um exemplo do exercício do que Nye (2004) coloca como *smart power*, como já foi apresentado nesta pesquisa. Sendo assim, verifica-se que o Catar também fez uso de *hard power*, em certa medida, nesta sua estratégia de abertura internacional. No entanto, dado o contexto apresentado e a falta de abundância de recursos militares disponíveis para o país, seu uso foi combinado com o vasto potencial de *soft power* do Catar, que foi o principal foco de tal projeto, possibilitando o exercício de *smart power* nesta área de atuação internacional do Estado catari.

Ainda no escopo da mediação de conflitos na região, grande parte da atuação do Catar se deu por meio de incentivos financeiros, o que Antwi-Boateng (2014, p. 44) chama de “*Carrots Diplomacy*” (Diplomacia das Cenouras), retomando o conceito de Nye já discutido nesta pesquisa. Nas últimas décadas, o Catar tem sediado diversas mesas de negociações de paz para conflitos no Oriente Médio, nas quais o Estado promete a distribuição de aportes financeiros e investimentos em infraestrutura caso se chegue a algum acordo entre as partes (ANTWI-BOATENG, 2014). Por exemplo, em 2012 o Catar sediou uma conferência que uniu os diversos grupos de oposição ao governo de Bashar Al-Assad na Síria. Em outras oportunidades, o país reuniu lideranças do Hamas e do Fatah para buscar uma união entre os grupos na luta da Palestina contra Israel. Estas iniciativas têm como objetivo posicionar o Catar como um ator neutro no Oriente Médio, que busca a mediação das tensões na região e toma a iniciativa e liderança para conduzir e intermediar estas negociações.

Um dos principais instrumentos utilizados pelo Catar para projetar sua participação na mediação de conflitos regionais e, desta forma, gerar *soft power* é a emissora de televisão Al Jazeera, fundada em 1996 por Hamad Al-Thani. A emissora começou como um canal de notícias do Oriente Médio e mundo árabe, rapidamente se destacando por cobrir o que ocorria na região por um ponto de vista diferente da versão apresentada por mídias ocidentais, destacando o ponto de vista árabe sobre os acontecimentos locais. Outro diferencial da Al Jazeera que a fez dominar a mídia árabe é que o canal transmitia programas de entrevistas e conversas que lidavam com questões próprias da cultura e cotidiano destes povos, como as interpretações do Islã, de forma sensível e próxima do público, o que era uma novidade na época dentro da mídia árabe (SANROMÀ, 2015). Tendo origem no Catar, a emissora rapidamente se expandiu para demais países islâmicos, começando pelo Golfo Pérsico e chegando no norte da África.

A respeito da cobertura da política e dos conflitos na região, a Al Jazeera se destacou por sua forte presença durante os acontecimentos, cobrindo localmente as guerras no Iraque e no Afeganistão por meio de correspondentes, e por apresentar um viés contrário às narrativas

ocidentais, tomando o partido dos países árabes. Como exemplo, Nye (2004) cita uma comparação entre as manchetes da CNN e da Al Jazeera durante a guerra do Iraque, em 2003: enquanto a emissora dos Estados Unidos dizia “Forças de coalizão avançam”, a Al Jazeera dizia “Forças invasoras avançam”. A emissora também teve grande destaque por sua cobertura da Primavera Árabe, no início da década passada. Neste contexto, a Al Jazeera muitas vezes questionou a versão oficial dos fatos defendida pelos regimes da região enquanto dava grande espaço aos grupos de oposição populares e condenava a repressão estatal contra eles, criando uma identificação da emissora com seu público (ANTWI-BOATENG, 2014).

A Al Jazeera expandiu sua esfera de atuação, criando canais secundários para esportes e até para programação infantil, além de emissoras filiadas em diversos outros países, inclusive nos Estados Unidos, com a fundação da *Al Jazeera America* em 2013. Desta forma, a emissora se consolidou como uma poderosa ferramenta de diplomacia pública do Catar, projetando sua imagem mundialmente por meio da Al Jazeera como uma liderança do mundo árabe, levando em conta sua profunda conexão com o público local, e como alternativa à mídia tradicional ocidental, além de transmitir os valores culturais e ideais políticos do Catar. Dessa forma, pode-se interpretar que a Al Jazeera se identifica e representa o Catar assim como a CNN está para os EUA ou como a BBC está para o Reino Unido.

Tal poder da Al Jazeera para produzir *soft power* catari, assim como árabe no geral, é reconhecido mundialmente e inclusive classificado por intelectuais e autoridades estadunidenses como uma ameaça à hegemonia do *soft power* dos EUA. Retomando a comparação que Nye fizera entre o viés da CNN e da Al Jazeera durante a Guerra do Iraque, o autor coloca que “o efeito prático foi a redução do *soft power* americano na região em 2003 comparado com 1991” (NYE, 2004, p. 54).¹⁰ Em 2011, a então secretária de Estado dos EUA Hillary Clinton citou a Al Jazeera ao colocar que os Estados Unidos estavam perdendo a “guerra da informação” (ANTWI-BOATENG, 2014, p. 43)¹¹ no cenário geopolítico moderno. Sendo assim, atesta-se que a emissora Al Jazeera foi eficiente na produção e transmissão de *soft power* do Catar a nível internacional, sendo por si própria um recurso de *soft power* e também ajudando a mobilizar as outras frentes desta estratégia do Catar.

A última faceta do projeto de abertura internacional e exercício de *soft power* do Catar a ser abordada neste trabalho será o investimento no esporte de maneira geral, mais especificamente quanto ao futebol. Como já apresentado neste trabalho, o futebol possui

¹⁰ The net effect was a reduction in American soft power in the region when 2003 is compared with 1991.

¹¹ [...] information war [...]

características próprias que o tornam um recurso propício para o *soft power*, sendo um jogo universalmente admirado, com grande bagagem cultural e histórica em diversos países e que proporciona um vasto mercado econômico, o que é ainda mais acentuado durante um grande evento do esporte, como a Copa do Mundo. Em sua primeira década no governo do Catar, Hamad Al-Thani teve tal percepção e planejou utilizar o futebol como mais um instrumento de *soft power* do Estado catari. No entanto, o país até então não possuía tradição no âmbito dos esportes e nem sequer infraestrutura para receber grandes eventos esportivos. Desta forma, o regime de Al-Thani mobilizou os vastos recursos econômicos do Catar para construir a infraestrutura necessária para sediar este tipo de evento, assim como para colocar em evidência o interesse do país em recebê-los. Sanromà (2015, p. 25) coloca que, por meio destes investimentos, “o país buscou consolidar sua posição como um grande centro de eventos esportivos”.¹² Nas duas últimas décadas, o Catar tentou ser sede de uma grande variedade de eventos e torneios esportivos. O país se candidatou, sem sucesso, para receber os Jogos Olímpicos de 2016 e 2020, mas por outro lado conseguiu sediar eventos e torneios como os Jogos Asiáticos de 2006, a Copa Asiática de Futebol de 2011 e o Campeonato Mundial de Handebol Masculino de 2015; além de organizar torneios anuais de tênis, motocross e ciclismo (SANROMÀ, 2015).

Quanto ao futebol, o objetivo máximo desta investida do Catar no esporte era sediar a Copa do Mundo FIFA, o que acabou por ocorrer em 2022. O desenrolar deste torneio específico e suas implicações para o *soft power* catari serão abordados em capítulo específico desta pesquisa. Neste primeiro momento, será abordado o investimento que o Catar realizou no futebol internacional, visando projetar sua imagem por meio de clubes e atletas estrangeiros. A partir de 2010, o Catar passou a investir em patrocínios a grandes clubes do futebol europeu. Nesse mesmo ano, a Qatar Foundation fechou um contrato de patrocínio de cerca de US\$190 milhões com o FC Barcelona (CORUZZI, 2013), que era então a melhor e mais midiática equipe do mundo. Desta forma, o nome da instituição catari foi estampado no centro da camiseta do clube catalão, substituindo a UNICEF, então parceira do clube. Em 2013, o clube passou a ser patrocinado pela Qatar Airways (SANROMÀ, 2015), perpetuando o vínculo entre o Barcelona e o Catar. A mesma empresa também viria a patrocinar o Bayern de Munique, clube mais popular da Alemanha e um dos mais vitoriosos da Europa, entre 2018 e 2023, período no qual o clube chegou a vencer a Liga dos Campeões, o torneio mais importante do continente.

¹² [...] he country has sought to consolidate its position as a major sporting events centre [...]

O maior e mais profundo investimento do Catar no futebol europeu foi a aquisição do Paris Saint-Germain em 2011 por parte do Qatar Sports Investments, subsidiária do Qatar Investment Authority, que então representava o próprio governo catari. A venda do clube para o governo catari teve a participação do então presidente francês Nicolas Sarkozy, que era próximo da família Al-Thani (CORUZZI, 2013), evidenciando o caráter político e diplomático deste movimento. O PSG era até então um clube mediano e sem muito sucesso no cenário francês e europeu, portanto, o objetivo era torná-lo um clube vitorioso e midiático, gerando apelo internacional e associando a imagem do Catar à reconstrução do clube. O fundo de investimentos catari, então, mobilizaria seus recursos para formar uma equipe competitiva visando conquistar a Liga dos Campeões e para contratar atletas midiáticos e mundialmente reconhecidos, atraindo atenção para o clube.

O primeiro atleta a ser a face deste projeto foi o inglês David Beckham, que contava com grande atenção midiática e apelo internacional, mesmo tendo uma passagem de apenas seis meses pelo clube em 2013. No entanto, as principais estrelas do PSG chegariam nos anos seguintes. Em 2017, o clube francês contratou o astro brasileiro Neymar Jr. pelo valor de €220 milhões, a contratação mais cara da história do futebol até os dias atuais. Este movimento de contratar um jogador reconhecido mundialmente no auge de sua carreira atraiu imensa atenção para o clube e elevou o patamar do projeto catari. Nos anos seguintes, o PSG contaria também com o jovem francês Kylian Mbappe, que em poucos se tornaria um dos atletas mais valiosos do mundo. O auge deste projeto pareceu se dar em 2021, quando o clube francês conseguiu assinar contrato com o argentino Lionel Messi, considerado o principal jogador do mundo nas últimas duas décadas. Tal contratação atraiu os olhos do mundo todo para o PSG e projetou ainda mais a imagem do Catar ao público mundial. Por exemplo, após sua chegada à França, Messi posou para a imprensa ao lado de Nasser Al-Khelaïfi, CEO do Qatar Sports Investments que também assume a função de presidente do PSG e possui relação pessoal com a família Al-Thani (IGLESIAS, 2023). Al-Khelaïfi é desde o início o principal representante deste projeto, sendo responsável, a mando do governo catari, por administrar o clube. Desta forma, qualquer atração para o público internacional causada pelo PSG está diretamente associada à imagem de um empresário catari de sucesso indicado pelo próprio governo do Catar.

Mesmo com os altos investimentos, mais de dez anos após a aquisição do PSG pelo QSI o clube ainda não alcançou seu principal objetivo esportivo, que era a conquista da Liga dos Campeões, apesar de estabelecer uma hegemonia no âmbito nacional e de se tornar um dos clubes mais conhecidos e consumidos mundialmente. Junto a isso, no ano de 2023 o

clube perdeu duas de suas principais estrelas, Neymar e Messi, após rumores de conflitos nos bastidores do clube. Neste contexto, Al-Khelaifi admitiu considerar a possibilidade vender parte das ações do clube, que hoje pertencem 100% ao QSI (LOBO, 2022), demonstrando uma flexibilização em relação ao projeto após o fim da Copa do Mundo de 2022. Mesmo com o aparente fracasso no âmbito esportivo, o investimento no PSG foi um sucesso para o Catar no que diz respeito à projeção e construção da imagem do país no cenário internacional. A associação do nome do Catar a um clube muito valorizado e estrelado por atletas de apelo mundial, ajudou a construir no imaginário popular uma imagem do Catar associada primeiramente ao futebol e à riqueza econômica e que, por meio da exposição midiática deste esporte, alcança um público geral que não possui grande conhecimento sobre o país, tornando esta, então, sua primeira impressão sobre o Catar.

Neste sentido, Coruzzi (2013) coloca que “a política do Catar é única pois seus investimentos no futebol são a face humana de sua mais abrangente política externa”.¹³ Sendo assim, entende-se que o Catar utiliza seu forte investimento e influência no futebol como forma de diplomacia pública e de aproximação com demais países. Isto se torna mais evidente com o caso da aproximação do Catar com a França, da qual fez parte a aquisição do Paris Saint-Germain pelo Qatar Sports Investments. Como já citado, o ex-presidente francês Nicolas Sarkozy possuía grande aproximação com o governos catari, chegando a ser visto diversas vezes ao lado de Hamad Al-Thani assistindo a partidas do PSG no estádio do clube (CORUZZI, 2013). Neste mesmo contexto, do início da década de 2010, Catar e França também se aproximaram em outras frentes, firmando parcerias comerciais e inclusive com o Catar auxiliando a França na intervenção na Líbia em 2011 (CORUZZI, 2013), participação catari esta que foi citada anteriormente.

Em 2013, Hamad bin Khalifa Al-Thani abdicou do trono do Catar em favor de seu filho Tamim bin Hamad Al-Thani, que possuía 33 anos na época e continua no poder até os dias de hoje. O atual emir do Catar deu continuidade ao projeto de *soft power* iniciado por seu pai, visando a preparação do país para receber a Copa do Mundo de 2022. De certa forma, pode-se afirmar que os investimentos no futebol foram ainda maiores por parte de Tamim Al-Thani do que por seu antecessor, tendo em vista que as maiores e mais caras contratações da história do Paris Saint-Germain, citadas anteriormente, e o auge da exposição deste clube como marca internacional ocorreram durante o mandato do atual emir.

¹³ Qatar’s policy is unique because its football investments are the human face of its wider foreign policy.

3.2. *Soft Power* e “*Soft Disempowerment*”

Se por um lado pode-se verificar que a estratégia de emprego do *soft power* por parte do Catar produziu resultados esperados, projetando a imagem do país e atraindo ganhos diplomáticos, alguns autores avaliam que a mesma estratégia pode gerar um efeito contrário à intenção do Estado catari. Brannagan e Giulianotti (2018, p. 1140) afirmam que

“o Catar nos mostra que estratégias de *soft power* em esportes, mídia [...] e outros campos podem também ter consequências não intencionais e enfraquecedoras; em outras palavras, que estas estratégias podem produzir ‘*soft disempowerment*’”.¹⁴

O conceito de *soft disempowerment*, que seria o desempoderamento brando, em tradução livre; expressa a ideia de que a mesma mobilização de recursos políticos, culturais, midiáticos e econômicos para exercer *soft power* pode gerar também perda de atratividade e até repulsão em relação a esse país, consequência oposta ao objetivo do *soft power*. Este fenômeno pode ser verificado quando há uma dissonância entre os valores projetados pela política externa de um país e o que de fato ocorre e é pregado internamente (NYE, 2008), o que pode ser aplicado ao caso do Catar. Em grande parte, o *soft disempowerment* ocorre quando atores estatais ou não estatais, como a mídia, ONGs ou a própria sociedade civil; repercutem informações e críticas que desafiam o discurso oficial projetado por meio do *soft power* (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2018). Isto se acentua ainda mais quando o país em questão está recebendo um evento de nível mundial como é a Copa do Mundo, o que é o caso do Catar. Toda a atenção midiática e curiosidade dos espectadores que a sede de um evento como este recebe também é fortemente direcionada para a investigação e questionamento das contradições e problemas internos que possui o país, não apenas para a face do país que o Estado deseja projetar.

Neste sentido, uma das grandes críticas feitas ao Catar pela comunidade internacional diz respeito à democracia e ao processo político do país. Apesar de o país se declarar em sua constituição como um sistema democrático e se posicionar como um mediador de conflitos políticos regionais, como já foi abordado anteriormente, aponta-se que o Catar de fato é um regime autoritário e que possui relações com grupos radicais e não democráticos do Oriente Médio (ANTWI-BOATENG, 2014). Sendo o Catar uma monarquia absoluta, o poder de decisão política é centrado na figura do emir e, mesmo que ainda haja eleições legislativas no país, o processo político é frágil e os cargos importantes do governo são designados conforme

¹⁴ [...] Qatar shows us that soft power strategies in sport, media [...] and other fields may also have unintended and weakening consequences; in other words, that these strategies may produce ‘soft disempowerment’.

indicações diretas do emir, muitos deles sendo ocupados por membros da própria família real. Além disso, o Estado catari possui relações de apoio com células da Irmandade Muçulmana e do Hamas, inclusive abrigando membros destes grupos dissidentes de países como a Arábia Saudita, Egito e outros (ANTWI-BOATENG, 2014). Estas associações do Catar desagradam aos demais países da região e colocam em xeque o posicionamento neutro e de defesa dos valores democráticos que o país tenta projetar em sua política regional de atuar como mediador de conflitos.

Os extensos investimentos e incentivos financeiros do Catar em países estrangeiros também têm gerado questionamentos e até repulsão por parte de determinados setores destes países. Partidos políticos e membros da sociedade civil consideram estes investimentos como uma forma do Catar adentrar e influenciar a política nacional ao cooptar as elites econômica e política. Por exemplo, após o Catar anunciar uma doação de U\$3 bilhões ao Egito, alguns manifestantes “queimaram a bandeira catari e acusaram seu governo de vender o país para o Catar” (ANTWI-BOATENG, 2014, p. 48).¹⁵ Já na França, setores conservadores expressaram preocupação com o suposto avanço do islamismo no país por meio da aproximação política e econômica com o Catar, produzindo reações xenofóbicas contra a população árabe do país e até uma organização da extrema-direita do país, comandada por Marine Le Pen, contra a aproximação com o Catar (CORUZZI, 2013).

Outro ponto de grandes críticas da comunidade internacional ao Catar é a questão dos direitos humanos no país. O governo catari é acusado de restringir a liberdade de expressão e de imprensa no país e de perpetuar leis que discriminam mulheres e a população LGBTQ+ (ANISTIA INTERNACIONAL, 2022). O código penal do Catar proíbe o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo com punições passíveis de prisão, o que tem levado a acusações de autoridades discriminando e perseguindo cidadãos e ativistas por conta de sua orientação sexual (ANISTIA INTERNACIONAL, 2022). Estas preocupações quanto aos direitos humanos no país por parte da comunidade internacional se intensificaram ainda mais com a proximidade da Copa do Mundo de 2022, levando em conta o volume e diversidade de estrangeiros que visitariam o país.

Uma situação específica a respeito de violação de direitos humanos relacionada à copa do mundo que foi muito discutida durante a preparação do Catar para o evento foi a situação dos trabalhadores que atuaram na construção da infraestrutura para o evento, dos quais a maior parte era de estrangeiros. O problema específico em relação à Copa do Mundo

¹⁵ [...] burned Qatari flag and accused their government of selling the country to Qatar.

será abordado extensivamente mais adiante; por enquanto, vale contextualizar o sistema de trabalho para estrangeiros que vigora no Catar e suas implicações. O sistema *Kafala*, que também é adotado em outros países do Golfo Pérsico, consiste na contratação de trabalhadores estrangeiros por um empresário patrocinador, o *kafeel*, que assume a responsabilidade sobre a situação migratória do trabalhador e define os termos de salário e alojamento (NGUYEN, 2021). O sistema conta com pouca regulação por parte do Estado e confere grande controle ao patrocinador, o que abre espaço para diversos abusos trabalhistas e precarização das condições de trabalho e de vida destes imigrantes. Algumas das violações legais que estes imigrantes sofrem dentro dos sistema são a apreensão de passaportes e a proibição da sindicalização (AL THANI, 2022). Além disso, o sistema *Kafala* é acusado de permitir uma hierarquização étnica e racial dos trabalhadores, com imigrantes negros e asiáticos vindos de países menos desenvolvidos sofrendo um grau maior de discriminação e violação de direitos em relação aos trabalhadores vindos de demais países do Golfo Pérsico (NGUYEN, 2021).

4. Copa do Mundo de 2022 no Catar

O ápice do projeto de abertura internacional e exercício de *soft power* por parte do Catar foi atingido com a realização da Copa do Mundo FIFA no país, entre novembro e dezembro de 2022. O evento custou ao Catar cerca de US\$220 bilhões, tornando-se a edição mais cara da história do torneio (ESPN, 2022). Grande parte deste custo se deve ao fato de que a realização da Copa do Mundo no Catar necessitou de uma adaptação específica para o clima do país, tanto por parte da FIFA quanto pelo governo catari. Tradicionalmente o torneio é disputado entre os meses de junho e julho, época do verão no hemisfério norte, onde a maioria das edições ocorreu; no entanto, o clima no Catar durante o verão é muito hostil e impróprio para a prática de esportes ao ar livre, com temperaturas podendo atingir 45°C. Por conta desta especificidade do país, a edição de 2022 acabou sendo agendada para o final de tal ano, como já citado anteriormente, o que impactou na preparação das equipes e também em toda a logística da organização em comparação com as edições anteriores. Mesmo com a mudança de data para o inverno, onde as temperaturas são mais amenas, o clima desértico do Catar ainda seria um desafio para os atletas e espectadores. Por conta disto, o governo catari se comprometeu em implementar nos estádios que seriam construídos um sistema de refrigeração movido a energia solar (HENDERSON, 2016), a fim de amenizar o calor durante as partidas. Esta tecnologia não foi utilizada em edições anteriores da Copa do Mundo e foi

inovadora quando proposta pelo Catar, ainda sendo incomum no ramo dos esportes, o que contribui para o altíssimo custo desta edição do evento. Mesmo com a solução proposta, esta questão do clima e da conseqüente alteração do calendário foi mais um ponto de discussão a respeito da escolha do Catar para sediar a Copa do Mundo.

O evento contou com cobertura midiática massiva de todo o mundo e, portanto, foi a oportunidade para o país se exibir para o mundo como um moderno pólo de desenvolvimento no Oriente Médio, destacando seu progresso econômico e, principalmente para os turistas que visitaram o país, a organização e segurança providas pelo Estado. Durante o torneio, o Catar também tentou se projetar como um lugar aberto à diversidade e a diferentes culturas, apesar das acusações de supressão de direitos humanos e discriminações étnicas, de gênero e de orientação sexual, como já citado anteriormente. Na cerimônia de abertura da Copa do Mundo, o emir Tamim Al-Thani proferiu um discurso no qual celebrou a diversidade e a comunhão de diferentes povos no país durante o evento:

“[...] As pessoas, por mais que sejam diferentes, nacionalidades diferentes, culturas diferentes, orientações diferentes, vão se reunir aqui no Catar, e todos os continentes vão se reunir no nosso país [...]”.¹⁶

Estima-se que o Catar recebeu cerca de 1,4 milhões de visitantes estrangeiros durante a Copa do Mundo (FIFA, 2022). Para efeito de comparação, a população do Catar é de cerca de 2,6 milhões de habitantes. No entanto, este número expressivo de visitantes foi considerado ainda decepcionante para o governo do Catar, visto que a expectativa era de bater a marca de 1,2 milhões de visitantes ainda nas duas primeiras semanas do torneio, mas o número neste período chegou a cerca de 765 mil (THE GUARDIAN, 2022), com o número final ficando abaixo do esperado pelos organizadores do evento. Alguns fatores incomodaram os turistas que foram ao Catar, o que pode ter influenciado estes números decepcionantes. Em comparação com demais edições da Copa do Mundo, esta apresentou os valores mais caros para os consumidores em termos de estadia e ingressos para as partidas, além de que a venda de bebidas alcoólicas é restrita no país (THE GUARDIAN, 2022).

A venda e consumo de bebidas alcoólicas é amplamente controlada no Catar, sendo proibida em locais públicos. Havia um acordo com a FIFA para permitir a venda e consumo no perímetro dos estádios, no entanto, dois dias antes do início do evento a FIFA mudou sua política quanto às bebidas alcoólicas, por pressão do governo catari, restringindo sua venda e

¹⁶ **Emir do Qatar contradiz políticas do país ao celebrar diversidade na Copa; veja íntegra de discurso.** Folha de S. Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/11/emir-do-atar-contradiz-politicas-do-pais-ao-celebrar-diversidade-na-copa-veja-integra-de-discurso.shtml>>. Acesso em: 8 out. 2023.

consumo apenas a áreas restritas permitidas pelo governo (BBC, 2022). Este incidente causou instabilidade com um dos principais patrocinadores da FIFA e da Copa do Mundo, que é a fabricante de cervejas Budweiser. O ocorrido também decepcionou os visitantes estrangeiros, especialmente aqueles provenientes de lugares onde há o forte hábito cultural de consumir cerveja em partidas de futebol, como na Europa e América do Sul, servindo como exemplo de um dos choques entre os estrangeiros e a cultura e legislação do Catar que ocorreram durante o evento.

Durante a Copa do Mundo a questão dos direitos humanos no Catar também foi alvo de controvérsias e discussões. Ainda antes do torneio, diversas autoridades e entidades internacionais já vinham reiterando as acusações de infrações de direitos humanos por parte do governo catari, inclusive apontando a FIFA como conivente com estas práticas (HUMAN RIGHTS WATCH, 2022). Uma das principais preocupações era a respeito da recepção no país de mulheres e membros da comunidade LGBTQ+ estrangeiros, parcelas da população que sofrem repressões no Catar. Entidades engajadas na luta destes grupos se posicionaram contra a realização do evento no país e até tentaram organizar um boicote à competição. Durante o torneio, também houveram protestos por parte de atletas, inclusive durante partidas. Algumas equipes europeias, como as da Alemanha, Inglaterra e País de Gales; entraram em campo vestindo braçadeiras com a bandeira da comunidade LGBTQ+ como forma de protesto contra a discriminação contra esta população no país (SCRIBNER, 2022). Após estas manifestações, a FIFA proibiu que as equipes portassem tais acessórios nos demais jogos, alegando que qualquer manifestação política durante as partidas não era permitida. Em resposta a esta determinação, os jogadores da seleção alemã posaram para a foto oficial da partida seguinte pondo as mãos sobre a boca, sinalizando que estariam sendo censurados pela FIFA (SCRIBNER, 2022).

Tendo em vista estes acontecimentos durante o evento, uma vez que atletas e visitantes tiveram contato com o país, pode-se interpretar que a estratégia do Catar de gerar *soft power* por meio da organização do evento gerou efeitos contrários ao esperado. Parte da intenção do governo catari com este projeto era gerar atração ao país por parte do público geral por meio da recepção da Copa do Mundo. No entanto, verificaram-se choques culturais que incomodaram visitantes, como o caso da venda e consumo de álcool, e protestos contra a política do país durante partidas do torneio, que contavam com a audiência de milhões de espectadores ao redor do mundo. Em vez de projetarem a imagem do Catar perante o mundo como um país moderno e receptivo, como era a intenção do discurso oficial do governo, estes acontecimentos projetam a imagem do Catar como um país autoritário onde vigoram leis

discriminatórias, mesmo que a repressão às manifestações dos atletas, por exemplo, tenham sido feitas pela FIFA e não diretamente pelo governo catari. Esta situação evidencia que o Catar também sofreu como um certo grau de *soft disempowerment* durante a Copa do Mundo, como a audiência global do torneio sendo apontada para os problemas e contradições da política do país.

4.1. Antecedentes

Este processo de *soft disempowerment* do Catar, fruto da própria Copa do Mundo que visava construir *soft power*, já teve início anos antes do evento acontecer de fato. Nos anos desde o anúncio do país como sede do torneio em 2022, a situação precária dos trabalhadores da construção da infraestrutura para o evento e as acusações de corrupção na FIFA na eleição do Catar como sede já levantaram críticas da comunidade internacional e colocaram tanto o país como o evento em si sob desconfiança.

Como já apresentado anteriormente, o fator determinante para as condições de trabalho precárias na construção da infraestrutura para a Copa do Mundo é o sistema trabalhista *Kafala*, que permite a exploração e discriminação de trabalhadores estrangeiros e é pouco regulado pelo Estado catari. Este sistema já era empregado no Catar décadas antes do início das obras de infraestrutura para a Copa do Mundo, inclusive já havia sendo denunciado por órgãos internacionais anteriormente, mas o contexto da Copa do Mundo colocou esta situação sob holofotes, mesmo ainda quando o Catar era apenas candidato a sediar o evento (AL THANI, 2022). Mesmo com esta controvérsia, a construção da infraestrutura para a Copa do Mundo se utilizou amplamente deste regime trabalhista. Nos mais de dez anos desde o anúncio de que o Catar sediará a Copa do Mundo de 2022 até a realização do evento em si, diversas instituições internacionais, ONGs e até membros da sociedade civil se posicionaram contra a exploração destes trabalhadores, exigindo reformas no sistema *Kafala* ou até mesmo tentando boicotar o evento (NGUYEN, 2021), o que também contou com grande cobertura midiática global. Além das violações legais perpetuadas pelo sistema, outras denúncias apontavam para as condições precárias de trabalho e alojamento destes trabalhadores, que eram submetidos a jornadas de trabalho exaustivas sob um calor intenso e dispunham de alojamentos precários. Cerca de 30 mil imigrantes trabalharam na construção da infraestrutura para a Copa do Mundo, vindos em sua maioria de países asiáticos, como Índia, Bangladesh, Paquistão, Nepal e Sri Lanka (BBC, 2022). Segundo o governo do Catar, entre 400 e 500 trabalhadores morreram durante as obras até 2022 (G1, 2022). No entanto, em

2021 o jornal *The Guardian* revelou uma estimativa de que cerca de 6,5 mil trabalhadores morreram no Catar durante as obras para a Copa do Mundo, porém, o governo catari desmente estes números, afirmando que esta estimativa inclui mortes não relacionadas ao trabalho nas obras do evento e mortes de imigrantes que não trabalhavam na infraestrutura da Copa do Mundo (BBC, 2022).

Mesmo com os números reais sendo alvo de discussão, esta situação alertou a comunidade durante todo o percurso até a realização da Copa do Mundo, projetando uma imagem negativa do Catar durante mais de uma década como um país que permite a morte de trabalhadores e um sistema de trabalho análogo à escravidão, sendo este um dos principais focos de *soft disempowerment* do Catar durante sua investida na Copa do Mundo. Como resposta à comunidade internacional sobre este tópico, o Catar introduziu nos últimos anos uma série de reformas trabalhistas, como o aumento do salário mínimo em 2020 (NGUYEN, 2021). No entanto, não foram reformas substanciais o suficiente para mudar a percepção internacional a respeito do país, tendo em vista os anos anteriores de exploração. Segundo o autor Mohammed Al Thani (2022), a realização da Copa do Mundo no Catar pode ser interpretada como um catalisador para estas reformas trabalhistas necessárias no país, visão que projeta uma imagem majoritariamente positiva do legado do evento no Catar e que é reproduzida pelos organizadores e pela mídia local. No entanto, a repercussão internacional massiva desta situação anteriormente às reformas já gerou uma imagem negativa sobre o Catar e o evento como um todo que se sobrepõe a qualquer visão positiva sobre esta temática que o discurso oficial dos organizadores tente emplacar. Neste sentido, o autor citado também coloca que:

“Tal publicidade negativa levou muitos a tomarem as externalidades negativas como o único legado do evento. Para piorar a situação, alegações de corrupção surgiram como parte dos criticismos contra o Catar e sua recepção da Copa do Mundo” (AL THANI, 2022, p. 1747).¹⁷

Esta segunda parte da afirmação do autor introduz outra questão que antecedeu a Copa do Mundo e também gerou grandes controvérsias e *soft disempowerment* para o governo catari, que foram as acusações de corrupção dentro da FIFA durante o processo de escolha do Catar como sede da edição de 2022. Em 2014, o jornal britânico Sunday Times divulgou que recebeu uma série de denúncias por parte de pessoas envolvidas com a autoridade de esportes do Catar alegando que o país teria oferecido propina a certos oficiais

¹⁷ Such negative publicity has led many to regard the negative externalities as the sole legacy of the event. To worsen matters, corruption allegations have surfaced as part of criticisms against Qatar and its hosting of the World Cup.

que participariam da eleição na FIFA para escolher a sede da Copa do Mundo de 2022 a fim de garantir a sua vitória no pleito (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2018). Segundo as denúncias, o catari Mohammed bin Hammam, então membro do comitê executivo da FIFA e presidente da Confederação Asiática de Futebol, seria o centro deste esquema, mobilizando recursos e sua influência para conseguir o voto de membros da FIFA favoravelmente à candidatura do Catar (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2018). A FIFA conduziu investigações internas sobre o caso e concluiu que este esquema de compra de votos teve alcance limitado; no entanto, o então presidente da comissão de ética da FIFA, Michael Garcia, renunciou ao cargo ainda em 2014 alegando que o comunicado sobre as investigações divulgado pelo órgão continha diversas distorções de seu relatório sobre o caso (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2018).

Este caso alertou as autoridades internacionais e então iniciou-se uma investigação criminal em torno desta eleição na FIFA, que também acabou envolvendo o pleito que elegeu a Rússia como sede da edição de 2018. Em 2015, Diversos dirigentes de alto escalão da entidade e que participaram da votação foram denunciados e até presos, dentre os quais alguns dos principais nomes envolvidos eram o brasileiro Ricardo Teixeira, o francês Michel Platini e o suíço Joseph Blatter, então presidente da FIFA; além do já mencionado Mohammed bin Hammam (RONAY, 2022).

As investigações não encontraram evidências concretas de vínculo direto entre o governo do Catar e o esquema de corrupção que ocorreu na eleição do país como sede da Copa do Mundo. No entanto, a percepção internacional desta controvérsia, tanto por parte de autoridades quanto pela sociedade civil, é que o governo catari se beneficiou amplamente deste esquema de corrupção e que, portanto, a edição do torneio sediada no Catar já estaria manchada pelo escândalo. Este fator se somou às demais percepções negativas sobre o Catar e seu governo que circulavam internacionalmente, já citadas neste trabalho, e intensificou ainda mais o *soft disempowerment* do Catar ainda anos antes da Copa do Mundo de fato acontecer no país.

4.2. Continuidade do projeto

Uma vez que sediar a Copa do Mundo era o ápice do projeto do Catar de exercer *soft power* por meio do futebol, pode-se questionar qual o caminho que tal projeto tomará após o final do evento. Apesar de que o recorte para uma análise a longo prazo ainda é recente, com a Copa do Mundo de 2022 tendo finalizado a cerca de um ano, já é possível perceber algumas

movimentações do Catar e de outros atores que revelam, mesmo que parcialmente, a continuidade ou não do projeto discutido.

Como já citado anteriormente, o projeto de investimento do Catar no Paris Saint-Germain parece ter perdido força no último ano, com o fracasso esportivo, a perda de estrelas como Messi e Neymar, e a possibilidade de venda de parte das ações do clube para demais fundos de investimento. Neste contexto, o PSG não realizou investimentos em atletas estrelados e midiáticos para o início desta temporada do futebol europeu, na qual a equipe não vem obtendo grandes resultados ou atraindo atenção do público. Comparado aos anos anteriores à Copa do Mundo de 2022, o PSG se mostra no momento como uma marca muito menos atrativa e que, conseqüentemente, não vem projetando a imagem do Catar no cenário internacional de forma efetiva.

No âmbito nacional, a expectativa do governo catari era que a Copa do Mundo se tornasse um catalisador para o aumento do turismo no país nos anos seguintes, sobre o que ainda não é possível verificar o efeito; neste sentido, muitos dos estádios utilizados no torneio estão sendo desmontados e reaproveitados como complexos hoteleiros e centros comerciais (ENGLAND e KERR, 2023). Este movimento evidencia que o futebol, e o esporte de forma geral, pode não ser mais o foco do projeto de abertura internacional do Catar, representando uma primeira fase deste projeto que visava atrair o público internacional por meio do *soft power* mas que agora, pós-Copa do Mundo, irá se desenrolar por outros meios. No entanto, ainda há rumores de que o Catar lançaria candidatura para sediar os Jogos Olímpicos de 2036 (ENGLAND e KERR, 2023), mas ainda sem avanços concretos neste sentido.

Outro fator que pode afastar o Catar do futebol na continuidade de seu projeto de abertura internacional é a emergência de uma nova potência no futebol no Oriente Médio, que é a Arábia Saudita. Assim como o Catar o fez extensamente na década passada, este país do Golfo Pérsico tem realizado grandes investimentos no futebol nos últimos anos, como a aquisição do clube inglês Newcastle, e recentemente foi anunciado pelo presidente da FIFA como a Copa do Mundo de 2034 (FOLHA DE S. PAULO, 2023). Este projeto também segue com o objetivo de produzir *soft power* no âmbito internacional e praticar *sportswashing*, visto que o governo saudita também é alvo de severas acusações de autoritarismo e violação de direitos humanos. O grande diferencial do projeto saudita em relação ao catari é o investimento pesado em clubes nacionais e no fortalecimento do futebol local como marca mundial, enquanto o Catar atacou primariamente o futebol estrangeiro e a Copa do Mundo. No último ano, o governo da Arábia Saudita, comandado pelo príncipe Mohammed bin Salman, injetou grandes financiamentos em algumas das principais equipes do país, como

Al-Nassr e Al-Hilal, promovendo a contratação de atletas de alto destaque mundial e poder midiático, como o português Cristiano Ronaldo e o próprio Neymar Jr, que trocou o PSG pelo futebol saudita.

A presença de grandes estrelas e nomes de peso no futebol local aumentou o nível de competitividade e atratividade do futebol saudita, que passou a ser acompanhado pelo público internacional. Este movimento vem projetando a imagem da Arábia Saudita internacionalmente de maneira muito forte, colocando o Catar como um ator secundário no âmbito do futebol internacional e regional. Sendo assim, esta concorrência da Arábia Saudita representa um empecilho para a continuidade do projeto catari utilizando o futebol para exercer *soft power*, tendo em vista o protagonismo atual desta potência regional neste mesmo campo.

5. Conclusão

Tendo em vista todos os pontos levantados nesta pesquisa e os questionamentos que a motivaram, colocados na introdução, esta seção apresentará um encerramento do trabalho costurando as perguntas e resultados encontrados na pesquisa e fazendo algumas considerações finais a respeito do tema.

Retomando a questão principal colocada no início do trabalho, sobre o porquê o Catar escolheu especificamente o futebol como instrumento de *soft power* em seu projeto de maior abertura e projeção internacional, o raciocínio desenvolvido neste trabalho conclui que esta escolha se deu pelo grande potencial de atração política e cultural assim como de retorno econômico que o futebol proporciona àquele que o instrumentaliza como veículo de *soft power*. Como já abordado, o futebol é um esporte universalmente reconhecido e de enorme popularidade, sendo muito praticado e valorizado em diversas culturas ao redor do mundo. Desta forma, o jogo assumiu lugar de destaque mundial durante o século XX, principalmente com a Copa do Mundo e as disputas entre seleções nacionais, e já nas últimas décadas se desenvolveu economicamente como um mercado mundial extremamente rentável. Todas estas características do futebol tornam-se ainda mais evidentes durante a Copa do Mundo FIFA, principal torneio do esporte, que serve como um veículo para o país sede veicular sua imagem internacionalmente e gerar atratividade (PIZARRO, 2017).

Desta forma, a instrumentalização política do futebol e da Copa do Mundo permite que o Estado e/ou governante que a emprega projete uma imagem positiva e desejada sua por

meio deste esporte e seu evento, o que é atualmente denominado *sportswashing* (RUSHWORTH, 2022). Tal prática foi amplamente empregada pela Itália de Mussolini e pela Alemanha de Hitler no século XX para intensificar seu *soft power* e projeção internacional (AMAZARRAY, 2021). Já no século XXI, países emergentes como África do Sul, Brasil e Rússia sediaram a Copa do Mundo com o objetivo de utilizar este *soft power* para potencializar sua projeção política e econômica no sistema internacional (GOMES e SILVA, 2021). Desta forma, nota-se que o futebol é um recurso de *soft power* de grande valor e que, portanto, já foi utilizado por diversos Estados que desejavam maior projeção internacional. Neste sentido pode-se interpretar que o Catar também identificou este potencial de atração do futebol e por isso escolheu este esporte como peça fundamental de seu projeto de abertura e projeção internacional.

É importante ressaltar que o futebol não foi a única forma pela qual o Catar exerceu *soft power* em seu projeto de abertura internacional. Como desenvolvido no trabalho, a abertura internacional do Catar se iniciou nos meados da década de 1990 com a chegada ao governo do emir Hamad bin Khalifa Al-Thani e teve foco no uso de *soft power*, também combinando com alguns recursos de *hard power* para exercer *smart power*, retomando o conceito de Joseph Nye (2004). No início deste projeto, o *soft power* foi exercido principalmente pelo emprego de incentivos e compensações econômicas a países próximos e pelo uso da rede de televisão Al Jazeera para mobilizar a opinião pública. O uso do *soft power* nestas frentes possibilitou ao Catar se posicionar como um ator neutro e mediador de conflitos no Oriente Médio, gerando atração por parte dos demais países envolvidos. No entanto, este tipo de posicionamento também produziu um efeito inesperado, possibilitando críticas e questionamentos da comunidade internacional a respeito dos valores democráticos pregados pelo país em contradição com sua política interna e a respeito da suposta neutralidade empregada pelo Catar nos conflitos regionais. Este fenômeno onde efeitos contrários ao esperado para a imagem internacional do país são gerados a partir de uma estratégia de *soft power* pode ser denominado de *soft disempowerment* (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2018).

Parte do foco no futebol para exercer *soft power* por parte do Catar está relacionado a essa problemática atrelada às outras formas de projeção internacional por meio de *soft power* empregadas no projeto catari. Em comparação com a mediação de conflitos regionais e com a mobilização da opinião pública por meio da mídia, o investimento em equipes de futebol e em receber a Copa do Mundo aparenta ser uma forma menos politizada e mais humanizada do Catar alcançar seus objetivos de política externa (CORUZZI, 2013), levando em conta a

ampla atratividade do futebol já abordada nesta pesquisa. No entanto, o investimento no futebol também produziu *soft disempowerment* para o Estado catari. A abertura do país para receber a Copa do Mundo fez com que a comunidade internacional, principalmente em países ocidentais, levantasse uma série de críticas ao autoritarismo do governo catari e colocasse em pauta as diversas denúncias de violações de direitos humanos contra o Estado catari, principalmente contra a população feminina e membros da comunidade LGBTQ+. Mesmo que o discurso oficial dos organizadores reforçasse a importância da diversidade no evento, estas críticas vindas de atores internacionais perduraram durante toda a trajetória até a realização do torneio e despertaram, inclusive, preocupação a respeito de como turistas estrangeiros destes grupos seriam recebidos no Catar.

O próprio processo pelo qual o Catar foi escolhido como sede da Copa do Mundo de 2022 e a construção da infraestrutura para a competição também geraram grande *soft disempowerment* para o país. Como já abordado anteriormente, a eleição da sede da edição de 2022 foi envolvida por um escândalo de corrupção envolvendo dirigentes da FIFA que gerou uma investigação criminal contra os envolvidos e até prisões (BRANNAGAN e GIULIANOTTI, 2018). Concomitantemente, houve diversas denúncias contra o Catar pelo emprego do regime trabalhista conhecido como *Kafala* na construção da infraestrutura para a Copa do Mundo, sistema este que possibilitou a exploração, discriminação e até mortes de trabalhadores estrangeiros durante as obras (NGUYEN, 2021).

Estes focos de *soft disempowerment* citados tiveram grande repercussão entre autoridades, instituições e até a sociedade civil, gerando uma série de protestos e manifestações contrárias ao governo catari antes e durante a Copa do Mundo, inclusive por parte de atletas durante partidas do torneio, atos que acabaram sendo coibidos pela FIFA (SCRIBNER, 2022). Tais acontecimentos tiveram grande visibilidade, levando em conta a audiência massiva do evento, e, portanto, produziram frente ao público internacional uma imagem negativa, em grande parte, do Catar, associada ao autoritarismo, à violação de direitos humanos e ao escândalo de corrupção na FIFA.

Retomando um dos questionamentos postos no início deste trabalho, sobre como o uso do futebol como instrumento de *soft power* possibilitou de fato ao Catar produzir e exercer este tipo de poder, a pesquisa conduzida permite concluir que o Estado catari pôde aumentar sua visibilidade internacional e construir parcerias políticas e econômicas por meio do futebol ao usar o investimento pesado nesse esporte para vincular a imagem do país à ideia de modernidade, progresso econômico e a valores universalmente aceitos associados ao futebol (CAROSELLA, 2022); assim como usando o futebol como um ativo econômico

poderoso, principalmente por meio da aquisição do clube francês Paris-Saint Germain. A abertura do Catar para receber a Copa do Mundo tinha como objetivo exibir o país para o mundo como um pólo de desenvolvimento e progresso, atraindo turistas e investimentos estrangeiros, substituindo a imagem que se tinha do país como um lugar fechado, arcaico e até pouco conhecido mundialmente. Além disso, o investimento no PSG permitiu que o Catar, por meio de empresas nacionais como a Qatar Airways, fosse estampado como marca em produtos consumidos mundialmente exibido por alguns dos principais atletas do mundo em competições de audiência massiva. A aquisição do PSG também permitiu maior aproximação política e econômica entre o Catar e a França, que desde então firmaram diversos acordos comerciais e inclusive militares (CORUZZI, 2013).

Desta forma, verifica-se que o Catar ao utilizar o futebol como instrumento de *soft power* e diplomacia pública conseguiu ampliar sua relevância no cenário internacional, conquistando diversos objetivos políticos e econômicos. No entanto, como já abordado, esta atenção sobre o país revelou também as discrepâncias e contradições internas do Catar e colocou um holofote sobre diversas críticas à política do Estado catari, criando diversos focos de *soft disempowerment* para o país. Sendo assim, também pode-se verificar que a estratégia de *soft power* teve efeito contrário ao esperado em muitas instâncias, possibilitando a reprodução de uma imagem negativa do país potencializada pela cobertura midiática abrangente da Copa do Mundo, o que para grande parte do público tornou-se a primeira e definitiva impressão sobre o Catar.

A partir deste caso do Catar, é possível pensar sobre os limites e contrapontos que uma estratégia de *soft power* de um país apresenta. Como colocado por Joseph Nye (2008), quando há uma contradição evidente entre os valores pregados pela política externa de um país e o que ocorre de fato em sua política interna, sua estratégia de *soft power* internacional pode gerar repulsão por parte do público que se desejava atrair. Este aparente paradoxo do *soft power* e do *soft disempowerment* pode ser ainda mais acentuado na contemporaneidade, quando comparado com os casos de estratégias de *soft power* estudados por Nye, por exemplo.

No contexto global contemporâneo, no qual, por conta da expansão profunda dos meios de comunicação digitais, as informações, discussões e críticas a respeito da política interna dos Estados ao redor do mundo são muito mais difundidas e de mais fácil acesso. Este elemento pode tornar mais difícil a penetração e sucesso da estratégia de *soft power* de um país, pois o público-alvo já estaria mais consciente das contradições e problemáticas de tal país e, portanto, estaria menos sensível às tentativas de atração empregadas. Sendo assim, as

atuais condições da comunicação e dos meios de informação pelo meio digital podem estar dificultando a realização de uma estratégia de *soft power* internacional aos moldes das estratégias empregadas na primeira década do século XXI e, principalmente, ao longo do século XX; exigindo uma readaptação destas políticas no cenário contemporâneo.

O caso estudado nesta pesquisa, referente à estratégia de *soft power* do Catar, permite construir este paradigma é possível analisar por este ângulo outras estratégias de *soft power* que ocorreram recentemente, como a do Catar, e outras que ainda estão em seu início, como a investida no futebol da Arábia Saudita, citada anteriormente neste trabalho. Desta forma, pode-se generalizar a conclusão desta pesquisa para demais casos que podem ser estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. A. .; PEREIRA, A. dos S. A. Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol. **Revista do Departamento de Geografia**, [S. l.], v. 42, p. e203554 , 2022. DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203554. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/203554>. Acesso em: 13 out. 2023.
- AL THANI, M. Channeling Soft Power: The Qatar 2022 World Cup, Migrant Workers, and International Image. **The International Journal of the History of Sport**, v. 38, n. 17, p. 1729–1752, 23 jan. 2022.
- AMAZARRAY, I. C. **Futebol: o esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Curso de Relações Internacionais, 2011.
- ANTWI-BOATENG, O. The Rise of Qatar as a Soft Power and the Challenges. **European Scientific Journal**, v. 2, Special edition, p. 39–51, 13 jan. 2014.
- Arábia Saudita será sede da Copa do Mundo de 2034**. Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/10/arabia-saudita-e-unica-candidata-a-sediar-copa-do-mundo-de-2034-diz-fifa.shtml>>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- BRANNAGAN, P. M.; GIULIANOTTI, R. The soft power–soft disempowerment nexus: the case of Qatar. **International Affairs**, v. 94, n. 5, p. 1139–1157, set. 2018.
- BRANNAGAN, P. M.; GRIX, J. **Qatar’s Soft Power Gamble: The FIFA World Cup 2022**. E-International Relations, 18 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2014/01/18/qatars-soft-power-gamble-the-fifa-world-cup-2022/>>. Acesso em 15 set 2023.
- BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Sheikh Hamad ibn Khalifa Al Thani**. Encyclopedia Britannica, 12 jul 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Sheikh-Hamad-ibn-Khalifa-Al-Thani>>. Acesso em: 17 set 2023.
- BRUM, G. B. **A Copa do Mundo no Catar: O Futebol Como um Instrumento de Soft Power**. Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis. Curso de Relações Internacionais, 2022.
- CAROSELLA, V. R. Football as Soft Power: The Political Use of Football in Qatar, the United Arab Emirates and the Kingdom of Saudi Arabia. **Abdou Filali-Ansary Occasional Paper Series**, v. 8, 49 p., 10 nov. 2022.
- Catar admite morte de “entre 400 e 500” trabalhadores durante preparativos para a Copa**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/copa-do-catar/noticia/2022/11/29/catar-admite-morte-de-entre-400-e-500-trabalhadores-durante-a-construcao-dos-estadios-da-copa.ghtml>>. Acesso em: 13 out. 2023.

CATAR. [Constituição (2004)]. **Constituição Permanente do Estado do Catar**. Doha, 2004. Disponível em: <<https://www.almeezan.qa/LawPage.aspx?id=2284&language=en>>. Acesso em: 23 set 2023.

Catar: história, dados gerais, localização, Copa do mundo. Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/catar.htm>>. acesso em: 16 set. 2023.

Copa do Mundo 2022: como o Catar tratou os trabalhadores que construíram os estádios?. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60950389>>. Acesso em: 13 out 2023.

CORUZZI, D. **Qatar: Football as Soft Power**. Columbia Political Review, 16 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.cpreview.org/blog/2013/02/qatar-football-as-soft-power>>. Acesso em: 15 set. 2023.

Emir do Qatar contradiz políticas do país ao celebrar diversidade na Copa; veja íntegra de discurso. Folha de S. Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/11/emir-do-qatar-contradiz-politicas-do-pais-a-o-celebrar-diversidade-na-copa-veja-integra-de-discurso.shtml>>. Acesso em: 8 out. 2023.

ENGLAND, A; KERR, S. **After the World Cup: what next for Qatar?** Financial Times, 06 jul, 2023. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/14dcfc23-217c-4f22-a046-1f91b2d5f40c>>. Acesso em: 22 out. 2023.

Entenda como a Fifa escolheu o Catar como sede da Copa do Mundo de 2022. CNN Brasil, 02 nov 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/entenda-como-a-fifa-escolheu-o-catar-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2022/>>. acesso em: 15 set. 2023.

Fifa divulga que 1,5 bilhão de pessoas ao redor do mundo assistiram a final da Copa do Mundo; veja dados, ESPN.com, 2022. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/copa-do-mundo/artigo/_/id/11497424/fifa-divulga-1-5-bilh-ao-pessoas-redor-do-mundo-assistiram-final-copa-do-mundo>. acesso em: 15 set. 2023.

GOMICHO, M. **Joseph Nye on Soft Power**. E-International Relations, 08 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2013/03/08/joseph-nye-on-soft-power/>>. Acesso em 15 set 2023.

HENDERSON, J. C. Hosting the 2022 FIFA World Cup: opportunities and challenges for Qatar. **Journal of Sport & Tourism**, v. 19, n. 3–4, p. 281–298, 22 fev. 2016.

Human rights in Qatar. Anistia Internacional, 2022. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/location/middle-east-and-north-africa/qatar/report-qatar/>>. Acesso em: 7 out. 2023.

IDOETA, P. A. **O que o Catar tem a ganhar com a Copa do Mundo?** BBC News Brasil, 20 nov 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/entenda-como-a-fifa-escolheu-o-catar-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2022/>>. Acesso em: 15 set 2023.

IGLESIAS, J. **Quem é Nasser Al-Khelaïfi, dono do PSG, e qual sua fortuna?** Goal.com Brasil, 07 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-e-nasser-al-khelafifi-dono-do-psg-e-qual-sua-fortuna/74eqhxplt4em1b05zi2j55aja>>. Acesso em: 1 out.2023.

LAGEMAN, C; CHORA, M. **Liberalismo nas Relações Internacionais**. Orbis, 2023, Disponível em: <<https://orbisirsa.pt/liberalismo-nas-relacoes-internacionais/>>. Acesso em: 29 set 2023.

LOBO, F. **Catar considera vender parte do PSG e fundo de investimento americano quer comprar 15% do clube**. Trivela, 21 nov. 2022. Disponível em: <<https://trivela.com.br/franca/catar-considera-vender-parte-do-psg-e-fundo-de-investimento-americano-quer-comprar-15-do-clube/>>. Acesso em: 2 out. 2023.

MARTINELLI, C. B. O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. **Conjuntura Global**, v. 5, n. 1, p. 65-80, jan./abr. 2016.

NEGRI, M. E. C.; GUERALDI, R. G. **Soft Power do Catar**. Migalhas, 15 dez. 2022. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/depeso/378669/soft-power-do-catar>>. Acesso em: 15 set. 2023.

NGUYEN, N. **Kafala Labor System Reform and the 2022 World Cup**. Center for International and Regional Studies, 20 dez. 2021. Disponível em: <<https://cirs.qatar.georgetown.edu/kafala-labor-system-reform-and-the-2022-world-cup/>>. Acesso em: 15 set. 2023.

NYE, J. S., Jr. Public Diplomacy and Soft Power. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 616, n. 1, p. 94–109, mar. 2008.

NYE, J. S., Jr. Soft Power. **Foreign Policy**, n. 80, p. 153–171, 1990.

NYE, J. S., Jr. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Nova Iorque, NY, USA: Public Affairs, 2004.

NYE, J. S., Jr. **The Future of Power**. Nova Iorque, NY, USA: Public Affairs, 2011.

PIZARRO, J. O. Fifa e o Soft Power do Futebol nas Relações Internacionais. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, jul./dez. 2017.

RATHMELL, A; SCHULZE, K. Political Reform in the Gulf: The Case of Qatar. **Middle Eastern Studies**, v. 36, n. 4, p. 47–62, out. 2000.

RONAY, B. **Football corruption and the remarkable road to Qatar’s World Cup**. The Guardian, 08 out. 2022. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2022/oct/08/football-corruption-and-the-remarkable-road-to-qatar-world-cup>>. Acesso em: 22 out. 2023.

RUSHWORTH, K. **Football as a weapon of soft power: The beautiful game hiding the ugly truth**. Political Perspectives, 11 jul. 2022. Disponível em:

<<https://sites.manchester.ac.uk/political-perspectives/2022/07/11/football-as-a-weapon-of-soft-power-the-beautiful-game-hiding-the-ugly-truth/>>. Acesso em: 15 set. 2023.

SANROMÀ, M. Qatar during the reign of Hamad Al Thani (1995-2013): from soft power to hard power. **ICIP Working Papers**, v. 1, mar. 2015.

SILVA, E. S. P. da; GOMES, M. T. S. Os BRICS e a organização de megaeventos esportivos na ordem mundial pós-guerra fria. **Revista GeoUECE**, v. 10, n. 19, p. e202101–e202101, 2021.

TRILLAS, Frederic. **Pan y fútbol: El deporte rey, espejo de la economía global**. Barcelona, ESP: Alternativas Economicas, 2018.